

Transição para o trabalho dos licenciados da Universidade do Porto (2005-2006)



Carlos Manuel Gonçalves
Isabel Menezes
Maria Clara Martins

Janeiro 2009

ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA	1
1. METODOLOGIA	3
2. CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS LICENCIADOS	5
3. SITUAÇÃO ACTUAL NO MERCADO DE TRABALHO	7
4. SATISFAÇÃO COM O EMPREGO ACTUAL	11
5. PRIMEIRO EMPREGO DOS LICENCIADOS	20
6. TRABALHADORES ESTUDANTES	28
7. TRAJECTÓRIAS NO MERCADO DE TRABALHO E DESEMPREGO	31
8. AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO ACADÉMICA	34
9. PROJECTOS PARA O FUTURO E OBJECTIVOS DE VIDA	39
CONCLUSÕES	43
BIBLIOGRAFIA	46
ANEXOS	48

NOTA INTRODUTÓRIA

Actualmente as relações que se estabelecem entre a Universidade e o sistema económico são marcadas por uma elevada complexidade e multidimensionalidade. Uma dessas dimensões estrutura-se em torno do futuro profissional dos licenciados universitários e das suas possíveis trajectórias profissionais. Subsiste um notório interesse institucional com as condições de acesso ao emprego e com a evolução qualitativa e quantitativa do emprego. Este é um dos principais traços do movimento de reconfiguração do ensino universitário.

No âmbito das acções levadas a cabo pelas universidades de avaliação do seu papel institucional é necessário, em nossa opinião, que esteja presente uma reflexão sobre o emprego dos seus licenciados. Elaborado no âmbito das actividades do Observatório do Emprego da Universidade do Porto, o presente Relatório tem por primeiro objectivo apresentar os resultados de um estudo sobre a transição para o trabalho dos licenciados da Universidade do Porto que obtiveram a sua titulação no ano lectivo de 2005/2006.

Assumindo um registo de pendor mais descritivo dos resultados, o Relatório organiza-se num conjunto articulado de pontos, que permitem parcialmente reconstruir temporalmente a transição entre a Universidade e o trabalho. Após a apresentação dos eixos estruturantes da metodologia usada no estudo, no ponto 2 passamos à caracterização sociodemográfica dos licenciados inquiridos. O ponto 3 toma por objecto a situação ocupacional dos licenciados à data de aplicação do inquérito (Verão de 2008), dando-se um especial destaque aos atributos que enformam o emprego actual. Tomando ainda por referência empírica este emprego, será apresentada no ponto 4 uma análise sobre a satisfação face ao trabalho dos licenciados. No ponto 5, procura-se identificar o acesso ao primeiro emprego e os seus principais atributos. O emprego dos licenciados que no seu último ano de curso exerciam igualmente uma actividade profissional regular e as suas posteriores trajectórias profissionais no mercado de trabalho constituem o objecto do ponto 6. Aspectos fundamentais no equacionamento da transição para o trabalho, como seja o caso das trajectórias no mercado de trabalho, do desemprego, da avaliação da formação académica, dos projectos para o futuro e dos objectivos de vida, serão apresentados nos últimos três pontos do documento.

Gostaríamos, em primeiro lugar, de expressar o nosso agradecimento e reconhecimento pessoal à Vice-Reitora da Universidade do Porto, Professora Doutora Maria de Lurdes Correia Fernandes, pelo convite que nos dirigiu para a realização do estudo e pelo apoio que manifestou ao longo do trabalho desenvolvido.

Agradecemos a todos os membros dos denominados sectores de inserção profissional das várias Faculdades da Universidade do Porto que contribuíram com sugestões e críticas para a formulação do guião do inquérito por questionário e que, de modo diligente e empenhado, o divulgaram intensivamente junto dos licenciados.

Finalmente, é de justiça destacar a disponibilidade e a adesão demonstradas pelos licenciados para o preenchimento do inquérito. A magnitude que assumiu a sua participação foi decisiva para os resultados obtidos. A todos eles o nosso profundo agradecimento.

Porto, Janeiro de 2009

1. METODOLOGIA

Para o estudo foi desenhada uma estratégia metodológica que assentou na aplicação de um inquérito por questionário à totalidade dos 3114 licenciados pela Universidade do Porto (UPorto) no ano lectivo de 2005/2006. Licenciados que se distribuem por 14 Faculdades e 58 cursos. A formulação do guião do instrumento de recolha e tratamento de informação contou com a colaboração dos membros dos denominados sectores de inserção profissional das várias faculdades da instituição. A equipa do Observatório do Emprego teve igualmente em conta os resultados, os procedimentos metodológicos e os guiões de inquérito por questionário sobre o emprego dos licenciados do ensino superior de alguns dos estudos nacionais (Arroteia e Martins, 1998; Inofor, 2000 e 2001; Alves, 2001 e 2005; Alves, 2007; Gonçalves, Parente e Veloso, 2001 e 2005) e internacionais (Teichler, 2005; Schomburg e Teichler, 2006; Teichler, 2007). O guião do inquérito adoptado estrutura-se em torno de um conjunto articulado de temas (Anexo A): atributos sociodemográficos dos inquiridos; caracterização da situação laboral à data do inquérito; acesso ao primeiro emprego regular; caracterização do primeiro e do actual empregos regulares; satisfação face ao actual emprego regular; avaliação da formação académica; relação entre esta e as actividades profissionais; trajectória profissional global; trajectória de ensino e formação profissional após a conclusão da licenciatura; expectativas e projectos quanto à futura formação académica e à vida profissional; orientações face às principais dimensões da vida.

A aplicação do inquérito por questionário ocorreu *on-line* (página electrónica da UPorto), durante os meses de Junho a Agosto de 2008. Cada Faculdade divulgou por carta ou por e-mail dirigidos aos seus licenciados um convite à participação no estudo. Convite que foi reiterado várias vezes ao longo daquele período por via postal, e-mail e *short message service* (sms).

A taxa de resposta global ao inquérito de 50,0% (45,3% para os homens e 53,6% para as mulheres) é fortemente satisfatória, por um lado atendendo à natureza do instrumento de recolha e tratamento da informação, às condições da sua aplicação, no que respeita primordialmente à incontornável desactualização dos endereços, físicos e electrónicos, dos licenciados, à nem sempre ampla receptividade por parte destes à inquirição sobre a sua vida pessoal e profissional, e por outro quando comparada com a dimensão das amostras obtidas em estudos congéneres. A robustez da amostra pode ser constatada pelas taxas de resposta obtidas para cada uma das Faculdades (Quadro 1.1) e dos cursos (Anexo B), quer globalmente, quer por género.

Quadro 1.1
População, Amostra e Taxa de Resposta

Faculdades a)	População b)			Amostra			Taxa de Resposta (%)		
	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM
FAUP	72	69	141	30	39	69	41,7	56,5	48,9
FBAUP	32	68	100	12	22	34	37,5	32,4	34,0
FCUP	160	260	420	100	182	282	62,5	70,0	67,1
FCNAUP	5	39	44	3	33	36	60,0	84,6	81,8
FADEUP	65	43	108	27	19	46	41,5	44,2	42,6
FDUP	20	84	104	12	49	61	60,0	58,3	58,7
FEP	165	180	345	81	88	169	49,1	48,9	49,0
FEUP	511	160	671	178	66	244	34,8	41,3	36,4
FFUP	16	78	94	9	41	50	56,3	52,6	53,2
FLUP	124	410	534	70	212	282	56,5	51,7	52,8
FMUP	79	103	182	39	58	97	49,4	56,3	53,3
FMDUP	20	36	56	15	17	32	75,0	47,2	57,1
FPCEUP	21	145	166	11	66	77	52,4	45,5	46,4
ICBAS	46	103	149	19	60	79	41,3	58,3	53,0
Total	1336	1778	3114	605	953	1558	45,3	53,6	50,0

a) Faculdade de Arquitectura (FAUP); Faculdade de Belas Artes (FBAUP); Faculdade de Ciências (FCUP); Faculdade de Ciências da Nutrição e da Alimentação (FCNAUP); Faculdade de Desporto e Educação Física (FADEUP); Faculdade de Direito (FDUP); Faculdade de Economia (FEP); Faculdade de Engenharia (FEUP); Faculdade de Farmácia (FFUP); Faculdade de Letras (FLUP); Faculdade de Medicina (FMUP); Faculdade de Medicina Dentária (FMDUP); Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCEUP); Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS).

b) Fonte: GAUP.

O presente Relatório é fundamentalmente de cariz sociográfico, enveredando-se, portanto, por uma descrição dos aspectos principais da transição para o trabalho dos licenciados. A apresentação dos dados será realizada para a globalidade da UPorto. Nos indicadores considerados analiticamente mais pertinentes, a abordagem incluirá uma ventilação por faculdades. Optou-se por incluir um Anexo C com informação quantitativa para cada uma das 58 licenciaturas da instituição. Ao longo do texto situaremos o leitor face a essa informação. Como seria expectável pela sua heterogeneidade, quando se toma o curso como nível de análise subsistem regularidades e singularidades. Atendendo ao baixo volume de inquiridos em alguns dos cursos, o que resulta, em parte, do facto do respectivo universo de licenciados ser igualmente reduzido, torna-se imprescindível relativizar o significado dos dados respectivos.

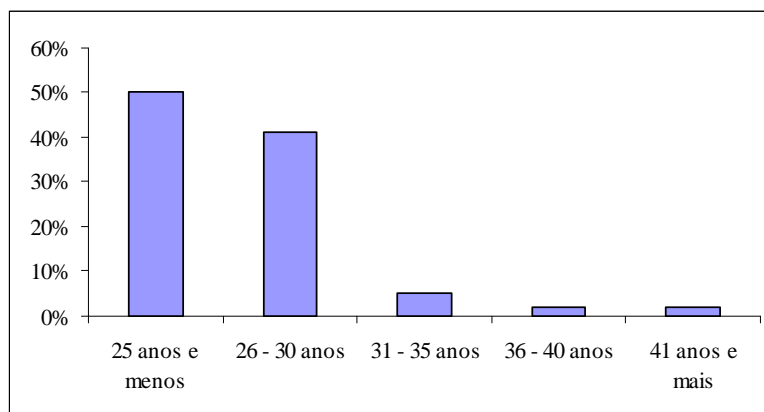
2. CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS LICENCIADOS

A maioria da população inquirida (62,1%) é constituída por licenciadas. Dado que se aproxima do perfil da composição de género dos estudantes da UPorto, em particular, e do ensino superior nacional, em geral. Por sua vez, em termos de estado civil, predominam os solteiros com 84,5%, enquanto 10,9% são casados e 4,2% vivem em união de facto. Os divorciados quedam-se pelos 0,4%.

À data de aplicação do inquérito por questionário (Verão de 2008), cerca de metade dos respondentes tinha 25 anos, o que somado aos que se encontram no escalão etário imediatamente seguinte

abrangia a quase totalidade da amostra (91,4%). Apenas 1,9% dos licenciados apresentam idades acima dos 40 anos.

Gráfico 2.1
Estrutura etária dos licenciados



A Área Metropolitana do Porto destaca-se nitidamente como local de naturalidade e de residência dos licenciados. Aspecto que traduz quer a vertente regional no recrutamento dos estudantes de licenciatura da UPorto (regionalização que é uma das características pesadas do ensino universitário português), quer uma certa capacidade de atracção e de fixação dos licenciados por aquela Região. Significativos são os dados respeitantes à residência em outros países europeus e fora da Europa, não em termos quantitativos, mas por indiciarem a presença de fluxos de mobilidade geográfica, provavelmente resultantes das dinâmicas entre procura e oferta de trabalho.

Quadro 2.1
Local de nascimento e da residência dos licenciados (%)

	Nascimento	Residência
Área Metropolitana do Porto	56,8	62,6
Área Metropolitana de Lisboa	2,0	4,5
Restantes concelhos do continente nacional	32,5	22,8
Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores	2,3	2,3
Outros países europeus	2,9	5,9
Fora da Europa	3,5	1,9
Total	100,0	100,0

Em termos de nível de escolaridade, cerca de metade dos pais e das mães dos licenciados não têm mais do que o 3º Ciclo do Ensino Básico (com os valores mais expressivos para o 1º Ciclo). Em contrapartida, 32,2% dos pais e 33,2% das mães detêm um título académico de nível superior (com destaque para o de licenciado). São dados que ilustram os processos de recomposição social dos

estudantes universitários, em particular quanto ao capital educacional dos respectivos pais, e que vão no sentido da quebra, ainda que parcial, da selectividade social no acesso à Universidade¹. Por sua vez, ao nível dos cônjuges subsiste uma certa polarização entre os licenciados (em conjunto, o peso dos indivíduos com um nível de escolaridade superior é de 66,5%) e os que detêm o Ensino Secundário (não obstante serem metade dos primeiros).

Quadro 2.2.
Níveis de escolaridade dos familiares dos licenciados (%)

	Pai	Mãe	Cônjuge
Sem habilitações	2,0	2,5	-
Ensino Básico - 1º Ciclo	25,2	27,1	0,9
Ensino Básico - 2º Ciclo	6,7	6,9	2,3
Ensino Básico - 3º Ciclo	17,8	15,6	6,0
Ensino Secundário	16,0	14,7	24,2
Bacharelato	6,1	7,0	8,8
Licenciatura	22,7	24,1	48,5
Mestrado	2,1	1,3	6,5
Doutoramento	1,4	0,8	2,8
Total	100,0	100,0	100,0

3. SITUAÇÃO ACTUAL NO MERCADO DE TRABALHO DOS LICENCIADOS

Do total dos 1558 licenciados que respondem ao inquérito, uma ampla maioria (72,0%) exerce uma actividade profissional no Verão de 2008. Por sua vez, 7,6% está exclusivamente a estudar, predominantemente em doutoramento, e 7,4% em formação ou estágio profissional. A proporção de desempregados face ao total é de 9,3% (7,7% para os homens e 10,3% para as mulheres)². A análise por Faculdades (Quadro 3.1)³ faz sobressair certas diferenças, em termos do emprego, do desemprego e da importância relativa do volume dos que só estudam e dos que são bolseiros de investigação.

¹ Sobre a questão consulte-se, entre outros: Fernandes *et al* (2001); Almeida *et al* (2003); Alves (2001 e 2005); Balsa (2001); Gonçalves, Parente e Veloso (2001 e 2004); Estanque e Nunes (2002 e 2003); Martins *et al* (2005); Mauritti e Martins (2007).

² Importa ter presente que uma parcela maioritária dos licenciados está inserida numa Região que apresenta, no 3º trimestre de 2008, uma elevada taxa de desemprego de 9,1% (no caso dos homens o valor deste indicador é de 7,4% e nas mulheres de 11,0%), o que é factor fortemente condicionador do emprego dos licenciados, em especial dos que terminaram a sua formação académica no passado recente.

³ Dados por curso – Quadro 1C (Anexo C).

Quadro 3.1
Situação ocupacional actual dos licenciados (% em linha)

	Exerce uma profissão	Bolseiro em projecto de investigação	Desempregado	Estudante	Formando	Estagiário	Outra situação
FAUP	81,2	0	11,6	0,0	0	4,3	2,9
FBAUP	38,2	0	26,5	2,9	0	5,9	26,5
FCUP	49,3	11,7	12,4	20,6	0,4	3,5	2,1
FCNAUP	75,0	2,8	5,6	2,8	0	11,1	2,7
FADEUP	82,6	4,3	4,3	4,3	0	2,2	2,3
FDUP	21,3	0	4,9	1,6	0	67,2	5,0
FEP	85,2	0	4,7	1,2	0	7,7	1,2
FEUP	82,8	2,5	4,5	6,6	0	2,5	1,1
FFUP	76,0	0	2,0	20,0	0	2,0	0,0
FLUP	63,8	0,4	19,1	5,3	0,4	5,7	5,3
FMUP	87,6	0	0	1,0	1,0	6,2	4,2
FMDUP	87,5	0	0	9,4	0	0,0	3,1
FPCEUP	61,0	5,2	14,3	7,8	0	5,2	6,5
ICBAS	79,7	1,3	1,3	5,1	0	6,3	6,3
Total	68,9	3,1	9,3	7,7	0,2	7,2	3,6

Quais as principais características do emprego dos licenciados à data de aplicação do inquérito por questionário?⁴ Cerca de dois terços dos licenciados desempenham actividades laborais que se enquadram no grupo profissional dos Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas⁵. Dos outros grupos destacam-se quantitativamente, mas fortemente distanciados do anterior, o dos Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio (14,0%), os Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa (3,5%) e o Pessoal Administrativo e Superior (6,6%). Podemos considerar que os licenciados que estão neste último grupo e no do Pessoal dos Serviços e Vendedores e dos Operários, Artífices e Trabalhadores similares, correspondendo a 9,9% do total, se encontram hipoteticamente numa situação de sobrequalificação académica face ao seu emprego actual.

Quadro 3.2.
Grupos profissionais do emprego actual dos licenciados

	%
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	3,5
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	68,2
Técnicos e profissionais de nível intermédio	14,0
Pessoal Administrativo e Similares	6,6
Pessoal dos Serviços e Vendedores	2,7
Operários, Artífices e Trabalhadores similares	0,2
Membros das Forças Armadas	0,2
Trabalhadores não qualificados	0,2
NR	4,4
Total	100,0

⁴ Dados por curso quanto ao emprego actual – Quadros 2C a 8C (Anexo C).

⁵ Na análise sobre a profissão dos licenciados, adoptou-se a Classificação Nacional das Profissões em vigor.

Uma forte maioria dos licenciados é assalariada (77,1%), tem um horário semanal superior às 30 horas semanais (83,1%)⁶ e encontra-se numa situação de precariedade contratual (70,1%). Neste caso, o contrato a termo certo e o contrato de prestação de serviços/recibos verdes detêm valores elevados. Dados que expressam a precariedade e a insegurança que caracteriza o posicionamento que os mais jovens detêm no mercado de trabalho. Sublinhe-se a natureza residual da situação de trabalhador por conta própria (com ou sem empregados), enquanto a de bolsheiro a trabalhar num projecto de investigação detém uma certa expressão quantitativa.

Quadro 3.3.
Situação, vínculo contratual e tipo de organização do emprego actual dos licenciados

	%
Situação Laboral	
Trabalhador por conta própria com empregados	1,4
Trabalhador por conta própria sem empregados	1,0
Trabalhador independente	13,0
Trabalhador por conta de outrem	77,2
Bolsheiro num projecto de investigação científica	4,4
Outra situação	2,5
NR	0,5
Total	100,0
Vínculo Contratual	
Contrato de trabalho sem termo	26,7
Contrato de trabalho a termo certo	37,1
Contrato de trabalho a termo incerto	8,1
Contrato de prestação de serviços/recibos verdes	12,7
Bolsa de investigação no âmbito de um projecto de investigação	3,6
Avença	1,2
Sem contrato	4,4
Outra situação	4,1
NR	2,1
Total	100,0
Tipo de Organização	
Empresa Privada	59,3
Empresa Pública	10,2
Empresa Mista	5,1
Administração Pública Central e Regional	7,7
Administração Pública Local	3,4
Instituto Público	5,0
Instituição Particular de Solidariedade Social	2,0
Outro	5,4
NR	1,9
Total	100,0

Quanto à organização onde estão laboralmente inseridos os licenciados, a Empresa Privada (59,3%) apresenta-se como dominante, enquanto a Administração Pública (Central, Regional e Local) permanece numa distante segunda posição (11,4%). Os sectores de actividade da Saúde e Acção Social e

⁶ Uma parcela significativa dos licenciados (43,9%) cumpre um horário semanal de mais de 40 horas, o que pode ser considerado um factor indicativo de uma pesada carga de trabalho.

Outras Actividades de Serviços Colectivos, Sociais e Pessoais agregam respectivamente 20,2% e 19,8% do total dos respondentes. Dos restantes, somente a Educação com 11,4% se aproxima daqueles sectores. Numa análise menos fina, o terciário assume uma forte magnitude absorvendo 66,9% dos licenciados, quedando-se o Secundário pelos 27,9% (onde, sublinhe-se, pontifica as Indústrias Transformadoras) e o primário com uma reduzida posição relativa. Dados que são ilustrativos da crescente importância que o sector terciário apresenta actualmente na absorção da mão-de-obra mais qualificada academicamente, em contraposição às situações inversas patenteados pelo secundário, marcado pela desindustrialização, e pelo primário.

Quadro 3.4
Sectores de actividade do emprego actual dos licenciados

	%
Agricultura, produção animal, caça e silvicultura	2,4
Pesca	1,1
Indústrias Extractivas	5,3
Indústrias transformadoras	8,6
Produção e distribuição de electricidade, de gás e água	7,5
Construção	6,5
Comércio por grosso e a retalho	3,6
Alojamento e restauração	0,5
Transportes, armazenagem e comunicações	2,5
Actividades financeiras	3,7
Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas	1,6
Administração pública, defesa e segurança social obrigatória	3,6
Educação	11,4
Saúde e acção social	20,2
Outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais	19,8
NR	1,7
Total	100,0

Questionados sobre qual o grau de adequação das funções que desempenham no emprego actual à formação obtida na licenciatura⁷, os inquiridos apontam globalmente para uma avaliação satisfatória. Aspecto em si positivo que poderá traduzir, para uma parcela robusta dos inquiridos, um emprego de qualidade quanto às correspondentes características intrínsecas. A corroborar isto estão os resultados sobre a satisfação com o emprego actual que serão tratados no ponto seguinte do presente Relatório. Uma leitura à escala das faculdades faz ressaltar diferenciações que serão produto das diversas condições de acesso e permanência inicial dos licenciados no mercado de trabalho de acordo com a sua área científica de formação académica.

⁷ Numa escala de 1 = nada adequado a 5 = muito adequado.

Quadro 3.5
Relação entre o emprego actual e a formação académica

	Média	Desvio-Padrão
FAUP	3,53	0,979
FBAUP	4,33	0,651
FCUP	3,35	1,190
FCNAUP	3,70	1,031
FADEUP	3,70	1,031
FDUP	3,47	1,281
FEP	3,76	1,052
FEUP	3,67	0,891
FFUP	3,37	1,149
FLUP	3,03	1,508
FMUP	3,83	0,742
FMDUP	4,04	0,539
FPCEUP	3,58	0,844
ICBAS	3,84	0,543
Total	3,54	1,112

Em consonância com aquele posicionamento, 60,6% dos licenciados assume claramente uma relação estrita e exclusiva entre as suas funções profissionais e a formação académica que obteve na UPorto, apontando que as funções que desempenha no emprego actual só podem ser executadas por alguém com a mesma licenciatura. Traduzindo a intermutabilidade entre formações académicas para a execução de determinadas funções ao nível das organizações, públicas ou privadas, estão aqueles que admitem que a sua actividade pode ser igualmente realizada por indivíduos com uma outra licenciatura (20,3%). Por sua vez, 16,1% admite que as suas funções podem ser executados por indivíduos com um grau académico inferior, o que manifesta uma situação de sobrequalificação académica, enquanto 2,6% se posiciona de modo inverso.

4. SATISFAÇÃO COM O EMPREGO ACTUAL

A literatura no domínio da satisfação com o emprego tende a reconhecer que este é um constructo multidimensional que remete para diversas facetas da nossa relação com o emprego (Locke, 2002; Wolniak e Pascarella, 2005). No sentido de identificar as dimensões da satisfação com o emprego actual dos licenciados da UPorto foi realizada uma análise factorial, usando como método de extracção a máxima verosimilhança com rotação *varimax*, que extraiu 4 factores, o que explica 57,0% da variância (Quadro 4.1). O 1º factor congrega itens que apontam para a possibilidade de tomada de decisão face ao próprio trabalho e qualidade da relação com colegas e supervisores, pelo que foi designado de satisfação com a autonomia e relacionamento no contexto de trabalho. O 2º factor, satisfação com as oportunidades de aplicação e desenvolvimento de conhecimentos e competências, apela para a possibilidade de aplicar e aprender conhecimentos e competências e variedade do trabalho. O 3º factor remete para as condições do trabalho, tanto ao nível do prestígio como do salário e das oportunidades de progressão, sendo intitulado de satisfação com os benefícios instrumentais do trabalho. O 4º factor, satisfação com a carga do trabalho,

remete exactamente para o peso do trabalho em termos de carga horária e interferência com o lazer. De salientar que a consistência interna destes factores é muito elevada, como se pode observar pela análise dos valores do alfa de Cronbach (Quadro 4.2).

Quadro 4.1
Análise factorial dos itens da satisfação com o trabalho

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
Utilização dos conhecimentos	0,813	0,268	0,135	
Aprendizagem de novos conhecimentos adquiridos na formação académica	0,808	0,218	0,200	
Desenvolvimento das suas capacidades	0,611	0,528	0,227	
Variedade das tarefas realizadas	0,558	0,411	0,216	
Prestígio da profissão que desempenha	0,490	0,256	0,455	0,119
Autonomia e iniciativa na execução do trabalho	0,265	0,772		0,124
Relações com os superiores hierárquicos	0,163	0,590	0,242	0,230
Responsabilidade pela execução do trabalho	0,377	0,572	0,134	
Participação na tomada de decisões	0,346	0,505	0,415	0,132
Relações com os colegas	0,149	0,404	0,205	0,155
Remuneração	0,135		0,704	0,183
Situação contratual		0,116	0,702	
Progressão na carreira	0,388	0,318	0,611	
Salvaguarda de um estado de saúde e de um bem-estar satisfatório	0,230	0,207	0,482	0,294
Frequência de acções de formação profissional	0,377	0,184	0,466	
Condições no local de trabalho	0,187	0,313	0,358	0,265
Duração semanal do horário de trabalho		0,111	0,146	0,845
Tempo livre disponível		0,117		0,831
Carga de Trabalho	0,132	0,188	0,185	0,748

Quadro 4.2
Consistência interna das dimensões da satisfação com o trabalho

Dimensões da satisfação com o trabalho	Nº de itens	Valor do α de Cronbach
Autonomia e relacionamento no contexto de trabalho	5	.81
Oportunidades de aplicação e desenvolvimento de conhecimentos e competências	5	.88
Benefícios instrumentais do trabalho	6	.83
Carga do trabalho	3	.87

Embora não seja surpreendente, é interessante registar a correlação entre todas estas dimensões, especialmente expressiva entre a autonomia e relacionamento e a aplicação e desenvolvimento de conhecimentos e competências – quanto mais os licenciados avaliam positivamente o clima relacional e a autonomia no contexto de trabalho, mais sentem que têm oportunidades de aplicar e desenvolver conhecimentos e competências.

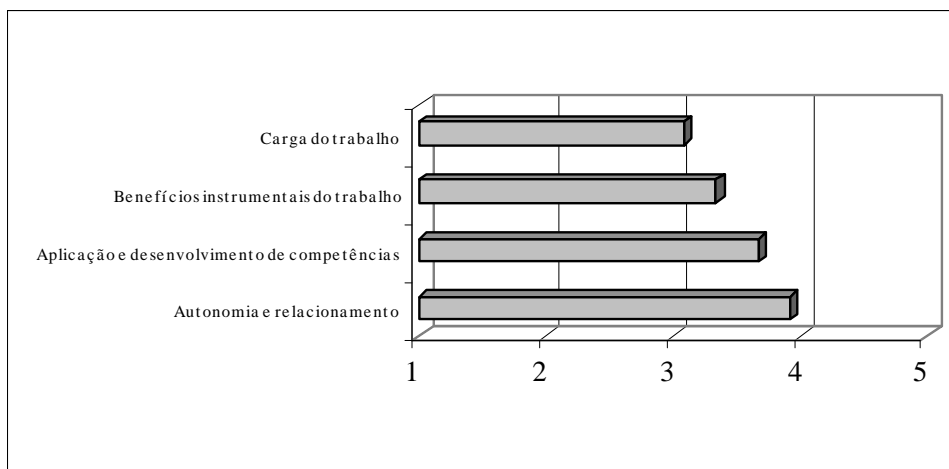
Quadro 4.3
Consistência interna dos factores de satisfação com o trabalho

	Autonomia e relacionamento	Aplicação e desenvolvimento de competências	Benefícios instrumentais do trabalho	Carga do trabalho
Autonomia e relacionamento	1			
Aplicação e desenvolvimento de competências	0.675**	1		
Benefícios instrumentais do trabalho	0.611**	0.614**	1	
Carga do trabalho	0.352**	0.244**	0.359**	1

** correlação significativa para $p \leq 0.01$

Se atendermos agora à avaliação destas dimensões pelos licenciados da UPorto, constatamos que as mais valorizadas são as oportunidades de autonomia e relacionamento e de desenvolvimento de competências, sendo moderadamente positiva a satisfação com os benefícios instrumentais e com a carga de trabalho.

Gráfico 4.1
Valorização das diversas dimensões da satisfação com o trabalho



Uma análise mais fina dos dados permite-nos concluir, como seria de esperar, que há uma variação significativa da avaliação destas dimensões em função de cada uma das Faculdades (Gráficos 4.2 a 4.5)⁸.

⁸ Dados por curso – Quadro 28C.

Gráfico 4.2
Satisfação com a autonomia e relacionamento em função da Faculdade

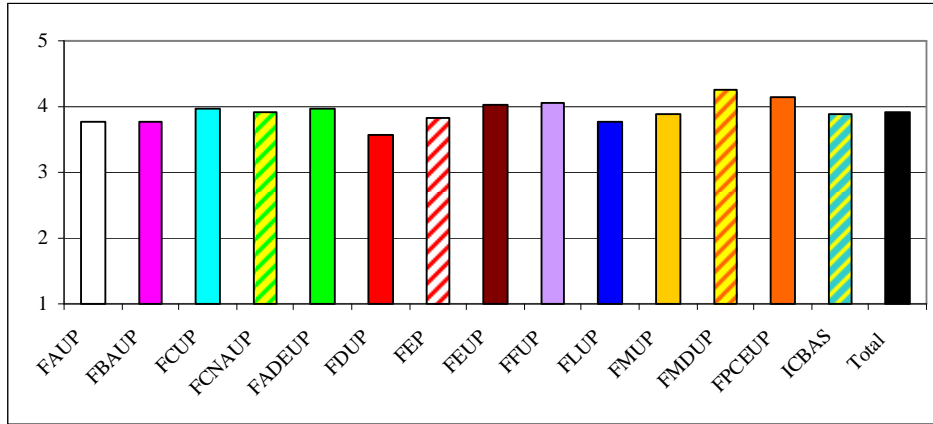


Gráfico 4.3
Satisfação com as oportunidades de aplicação e desenvolvimento de competências em função da Faculdade

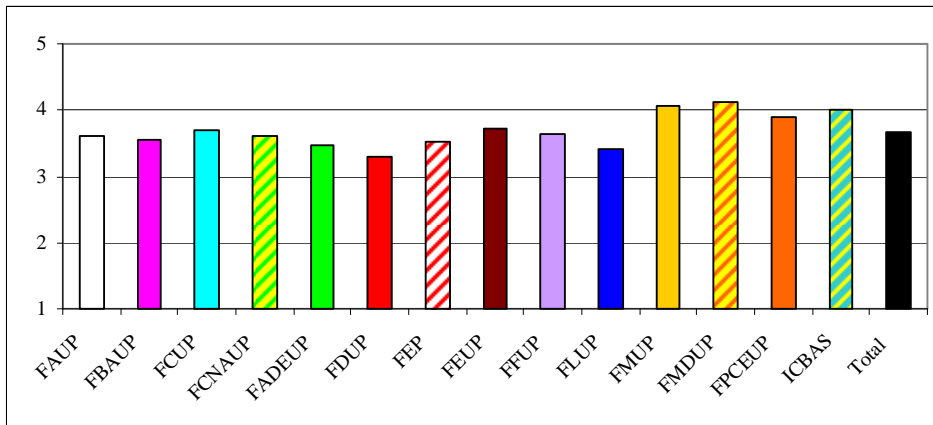


Gráfico 4.4
Satisfação com os benefícios instrumentais em função da Faculdade

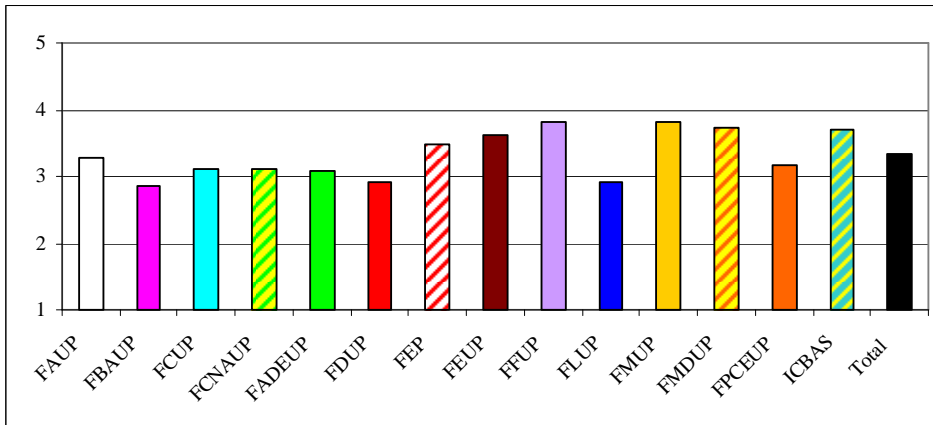
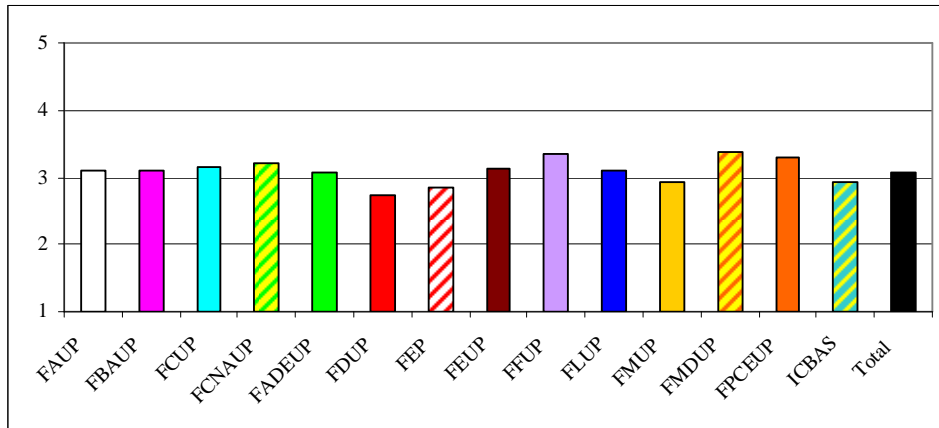


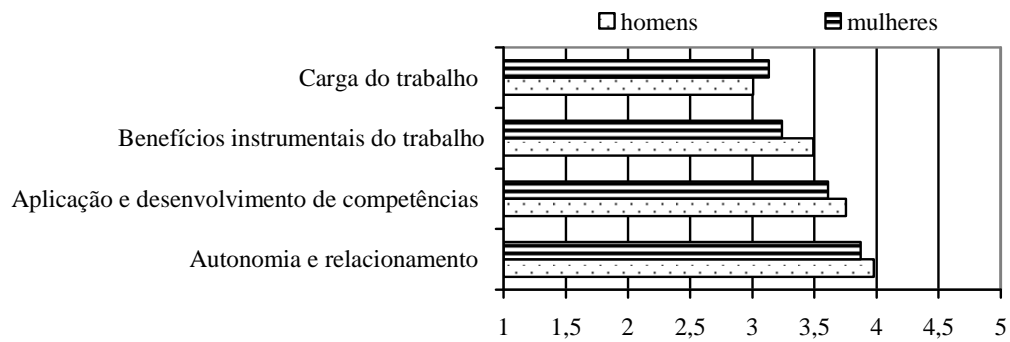
Gráfico 4.5
Satisfação com a carga do trabalho em função da Faculdade



No entanto, nem sempre esta variação é muito expressiva. Por exemplo, a satisfação com a autonomia e o relacionamento no contexto de trabalho situa-se à volta de 4 (ligeiramente acima ou abaixo) para os licenciados de todas as Faculdades, sugerindo que se encontram bastante satisfeitos com esta dimensão. O mesmo acontece na satisfação com as oportunidades de aplicação e desenvolvimento de conhecimentos e de competências e com a carga de trabalho. É apenas quanto aos benefícios instrumentais do trabalho que parece existir uma variação superior dos licenciados em função da Faculdade.

Uma outra leitura da satisfação pode ser obtida, se analisarmos os dados em função do género. Também se verificam diferenças significativas na satisfação, com as licenciadas a revelarem sempre menores níveis de satisfação, com excepção da carga de trabalho em que são os homens os menos satisfeitos (Gráfico 4.6).

Gráfico 4.6
Satisfação com a carga do trabalho em função do sexo



Tal como na variação entre Faculdades, também aqui as diferenças não são muito significativas; por outro lado, se atendermos aos dados que revelam as fortes desigualdades de género no contexto laboral em Portugal, esta menor satisfação das mulheres é francamente inteligível.

Alguns estudos têm tentado explorar os factores que predizem a satisfação dos licenciados no emprego, destacando aspectos como o género, os objectivos de vida, o tipo de emprego e, especialmente, a congruência entre a formação e as funções desempenhadas (Fricko e Beehr, 1992; Garcia-Aracil, Gabaldon, Mora e Vila, 2007; Schomburg, 2007; Wolniak e Pascarella, 2005).

Assim, é relevante perceber qual a importância relativa de vários preditores das diversas dimensões da satisfação com o emprego. Especificamente, iremos explorar a influência dos seguintes factores:

- sociobiográficos, como o género, a idade e o estatuto no último ano da licenciatura;
- objectivos de vida relacionados com a valorização de diversos domínios da vida, como a família, o trabalho, o lazer, ...
- características do trabalho, incluindo a situação (ser trabalhador por conta de outrem) e o vínculo contratual (ter um contrato de trabalho sem termo), o horário de trabalho e a dimensão da organização;
- congruência entre a formação e as funções, tanto auto-percebida – a partir de uma medida geral de adequação “Qual o grau de adequação das funções que desempenha à formação obtida na sua licenciatura?” e da avaliação da medida em que “As funções que desempenha só poderiam ser desempenhadas por uma outra pessoa com uma licenciatura idêntica à sua?” – como hetero-avaliada a partir do tipo de actividade profissional realizada (sendo congruentes as actividades que se enquadram nos grupos profissionais dos Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas e dos Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa).

Os Quadros 4.4 e 4.5 caracterizam a amostra dos licenciados da UPorto que exerciam uma actividade profissional na altura do inquérito em função daqueles factores, incluindo tanto aqueles que só estudavam no último ano do curso, como aqueles que exerciam actividades ocasionais. É de destacar que a maioria são trabalhadores por conta de outrem com vínculo precário, executam actividades profissionais congruentes com a sua formação académica.

Quadro 4.4
Género, características do trabalho e congruência dos licenciados

	%
Sexo	
Feminino	60,4
Masculino	39,6
Estatuto no último ano da licenciatura	
Estudante	75,7
Outra situação (trabalhos ocasionais, ...)	24,3
Situação contratual	
Trabalhador por conta de outrem	82,0
Outra situação (trabalhador por conta própria, independente, ...)	18,0
Vínculo contratual	
Contrato de trabalho sem termo	26,4
Outra situação (contrato a termo, recibos verdes, avença)	73,6
Horário de trabalho	
Até 30 horas semanais	15,4
De 31 a 40 horas semanais	36,3
Mais de 40 horas semanais	48,3
Dimensão da organização	
Até 10 trabalhadores	28,8
De 11 a 500 trabalhadores	38,5
Mais de 500 trabalhadores	32,0
Adequação da licenciatura às funções	
Nada adequada	4,6
Pouco adequada	6,6
Moderadamente adequada	28,3
Bastante adequada	43,3
Totalmente adequada	17,3
A função podia ser exercida por outra pessoa ...	
... com licenciatura igual ou similar	51,2
... com outra licenciatura ou formação	48,8
Tipo de actividade profissional	
Grupo profissional congruente com a formação académica	77,5
Grupo profissional não congruente com a formação académica	19,4

Quadro 4.5
Idade e objectivos de vida na amostra dos licenciados

Variável	Média	Desvio-Padrão
Idade	25,9	2,486
Objectivos de vida		
Família	4,75	0,598
Amigos	4,56	0,673
Trabalho	4,24	0,721
Cultura e lazer	4,22	0,715
Participação cívica	3,67	0,915
Participação político-partidária	2,31	1,110

A análise de regressão linear (Quadro 4.6) revela que os diferentes factores têm um poder explicativo diferenciado para as diversas dimensões da satisfação com o trabalho: de forma menos relevante para a satisfação com a autonomia e com a carga de trabalho, mas de forma relativamente expressiva para a satisfação com as oportunidades de aplicação e desenvolvimento de conhecimentos e

competências (R^2 ajustado=,268) e com os benefícios instrumentais do trabalho (R^2 ajustado=,297). De salientar, ainda, a tendencialmente baixa variância explicada pelas variáveis sociobiográficas e relacionadas com os objectivos de vida, o impacto diferencial das variáveis relacionadas com as condições de trabalho e o considerável incremento explicativo, introduzido pelas variáveis respeitantes à consistência entre a formação e o emprego em todas as dimensões da satisfação (com excepção da carga de trabalho).

Quadro 4.6
Satisfação com emprego actual (regressão linear)

Modelo	R	R^2	R^2 ajustado	Erro padrão	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R^2	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
Satisfação com a autonomia e relacionamento									
1	0,070 ^a	0,005	0,000	0,69196	0,005	1,052	3	637	0,369
2	0,203 ^b	0,041	0,028	0,68244	0,036	3,983	6	631	0,001
3	0,290 ^c	0,084	0,062	0,67011	0,043	4,908	6	625	0,000
4	0,388 ^d	0,151	0,126	0,64687	0,066	16,237	3	622	0,000
Satisfação com as oportunidades de aplicação e desenvolvimento de conhecimentos e competências									
1	0,055 ^a	0,003	-0,002	0,87119	0,003	0,640	3	637	0,590
2	0,215 ^b	0,046	0,033	0,85619	0,043	4,754	6	631	0,000
3	0,249 ^c	0,062	0,040	0,85301	0,016	1,786	6	625	0,100
4	0,537 ^d	0,288	0,268	0,74497	0,226	65,808	3	622	0,000
Satisfação com os benefícios instrumentais									
1	0,175 ^a	0,031	0,026	0,81214	0,031	6,739	3	640	0,000
2	0,252 ^b	0,064	0,050	0,80196	0,033	3,727	6	634	0,001
3	0,450 ^c	0,202	0,183	0,74371	0,139	18,202	6	628	0,000
4	0,562 ^d	0,316	0,297	0,69022	0,114	34,697	3	625	0,000
Satisfação com a carga de trabalho									
1	0,113 ^a	0,013	0,008	1,01930	0,013	2,757	3	637	0,042
2	0,210 ^b	0,044	0,030	1,00785	0,031	3,426	6	631	0,002
3	0,407 ^c	0,166	0,146	0,94584	0,122	15,242	6	625	0,000
4	0,423 ^d	0,179	0,155	0,94079	0,013	3,242	3	622	0,022

Legenda: a. Preditores: (Constante), estudante a tempo inteiro no último ano do curso, sexo, idade. b. Preditores: (Constante), a + participação político-partidária, família, cultura e lazer, trabalho, participação cívica, amigos. c. Preditores: (Constante), a + b + PME, contrato de trabalho a tempo incerto, mais de 40 horas semanais, trabalhador por conta de outrem, micro-empresa, menos de 30 horas semanais. d. Preditores: (Constante), a + b + c + grau de adequação das funções à formação (auto-avaliação), adequação da formação ao trabalho (auto-avaliação), adequação da função à qualificação (hetero-avaliação).

A análise comparativa dos diferentes preditores para cada dimensão (Quadro 4.7) revela interessantes associações. O género (feminino, neste caso) prediz de forma negativa, a satisfação com a autonomia e o relacionamento e com os benefícios instrumentais. A valorização do trabalho enquanto objectivo relevante da vida só emerge como preditor da satisfação com a autonomia e o relacionamento e com as oportunidades de prática e desenvolvimento de conhecimentos e competências, o mesmo acontecendo com o título de vínculo contratual (sem termo) e com todas as dimensões da congruência (auto e hetero-avaliada). Esta última é também significativa para explicar a satisfação com os benefícios instrumentais; no entanto, é muito interessante verificar que apenas a congruência hetero-avaliada prediz a

satisfação com a carga de trabalho. Os factores relacionados com a situação de trabalho têm um peso mais consistente na satisfação com os benefícios instrumentais do trabalho, embora o vínculo contratual também influencie outras dimensões da satisfação. Curiosa é a constatação de que o trabalho numa pequena e média empresa e/ou numa micro-empresa se associa de forma negativa com a satisfação com os benefícios instrumentais e com a carga de trabalho. Também de destacar a constatação de que um horário de trabalho intenso (mais de 40 horas semanais) parece afectar pela negativa a satisfação com a autonomia e o relacionamento e com a carga de trabalho, mas pela positiva a satisfação com os benefícios instrumentais do trabalho.

Quadro 4.7
Análise da satisfação

Modelo	Satisfação com ...											
	Autonomia e relacionamento no contexto de trabalho			Oportunidades de aplicação e desenvolvimento de conhecimentos e competências ...			Benefícios instrumentais do trabalho			Carga de trabalho		
	Beta	t	Sig.	Beta	t	Sig.	Beta	t	Sig.	Beta	t	Sig.
(Constant)		7,041	0,000		2,694	0,007		3,591	0,000		2,112	0,035
Sexo	-0,089	-2,243	0,025	-0,057	-1,576	0,116	-0,103	-2,907	0,004	0,031	0,787	0,431
Idade	-0,052	-1,340	0,181	-0,012	-0,323	0,747	-0,050	-1,424	0,155	0,024	0,632	0,528
Estudante a tempo inteiro no último ano do curso	0,017	0,429	0,668	-0,032	-0,899	0,369	0,019	0,537	0,591	0,014	0,357	0,721
Objectivos de vida												
Trabalho	0,153	3,734	0,000	0,086	2,297	0,022	0,058	1,579	0,115	0,072	1,799	0,072
Família	-0,030	-0,699	0,485	-0,006	-0,140	0,889	-0,026	-0,677	0,499	0,025	0,581	0,561
Amigos	0,049	1,040	0,299	0,142	3,289	0,001	0,103	2,435	0,015	0,059	1,262	0,207
Cultura e lazer	0,002	0,044	0,965	-0,028	-0,661	0,509	0,024	0,589	0,556	0,044	0,974	0,330
Participação cívica	0,027	0,581	0,562	0,037	0,862	0,389	0,031	0,735	0,462	-0,012	-0,264	0,792
Participação político-partidária	0,038	0,902	0,367	-0,005	-0,141	0,888	0,053	1,413	0,158	0,097	2,375	0,018
Situação laboral: trabalhador por conta de outrem	-0,023	-0,562	0,575	0,002	0,065	0,948	0,156	4,212	0,000	0,022	0,547	0,584
Vínculo contratual: contrato de trabalho a termo incerto	0,202	5,147	0,000	0,113	3,143	0,002	0,253	7,227	0,000	0,019	0,480	0,631
Tipo de empresa: micro-empresa	0,048	1,126	0,261	-0,028	-0,720	0,472	-0,093	-2,430	0,015	-0,033	-0,776	0,438
Tipo de empresa: pequena e média empresa	-0,028	-0,660	0,509	-0,049	-1,265	0,206	-0,152	-4,026	0,000	-0,106	-2,565	0,011
Carga horária: mais de 40 horas semanais	-0,094	-2,233	0,026	0,002	0,063	0,949	0,075	1,971	0,049	-0,377	-9,086	0,000
Carga horária: menos de 30 horas semanais	0,006	0,144	0,886	-0,030	-0,743	0,458	-0,044	-1,130	0,259	0,013	0,306	0,760
Congruência: grau de adequação das funções à formação (auto-avaliação)	0,160	4,076	0,000	0,265	7,388	0,000	0,213	6,064	0,000	0,030	0,787	0,431
Congruência: adequação da formação ao trabalho (auto-avaliação)	0,086	2,130	0,034	0,270	7,328	0,000	0,133	3,683	0,000	0,039	0,990	0,323
Congruência: grupo profissional adequado (hetero-avaliação)	0,125	3,065	0,002	0,151	4,042	0,000	0,141	3,852	0,000	0,087	2,169	0,030

Não sendo surpreendentes, na medida em que vão de encontro a dados de outros estudos (Fricko e Beehr, 1992; Schomburg, 2007; Wolniak e Pascarella, 2005), os resultados reforçam o relevante valor preditivo das condições de trabalho, em particular o vínculo contratual e o horário semanal, e da congruência entre a formação e o emprego, em especial no que diz respeito à satisfação com as oportunidades de prática e desenvolvimento de conhecimentos e competências e com os benefícios instrumentais do trabalho.

5. PRIMEIRO EMPREGO DOS LICENCIADOS

No último ano da licenciatura, 66,4% dos inquiridos realizaram os seus estudos na UPorto a tempo inteiro, enquanto os demais se dividiam entre aqueles que estudavam e executavam trabalhos ocasionais (19,7%) e os estudantes com uma actividade profissional regular (13,9%)⁹. Deixamos para momento posterior do presente Relatório uma análise detalhada dos últimos e iremos abordar de imediato as formas e os ritmos de transição da Universidade para o trabalho dos restantes¹⁰.

Para 51,8% dos licenciados, a procura do primeiro emprego está permeada por dificuldades. Questionados sobre o grau de dificuldade de cada um dos itens apresentados¹¹, a Falta de experiência profissional, a Fraca oferta de empregos para licenciados na sua área científica e o Excesso de licenciados na sua área de formação registam as médias mais elevadas. Se o primeiro item remete directamente para os atributos individuais dos inquiridos, assumindo estes tal facto como penalizante num acesso mais rápido e qualificante ao emprego, os outros dois acabam por direccionar a explicação do desemprego de inserção¹² para os empregadores, públicos e privados, e para a Universidade, na qualidade de instituição de produção de licenciados.

⁹ Dados por curso – Quadro 9C (Anexo C).

¹⁰ Dados por curso quanto à procura do primeiro emprego – Quadros 10C a 16C (Anexo C).

¹¹ Numa escala de 1=Baixa dificuldade a 5=Elevada Dificuldade.

¹² Especificamente a situação de desemprego que ocorre entre o início da procura de emprego após a conclusão do curso e o primeiro emprego.

Quadro 5.1
Tipos de dificuldades na procura do primeiro emprego regular

		1	2	3	4	5	6	7
FAUP	Média	3,09	4,82	3,18	3,85	3,30	2,38	4,48
	Desvio-Padrão	1,264	0,387	1,527	1,234	1,425	1,415	0,712
FBAUP	Média	3,83	3,39	4,00	4,29	3,50	2,57	3,70
	Desvio-Padrão	1,154	1,158	1,142	0,806	1,414	1,273	1,185
FCUP	Média	4,09	3,62	3,56	4,12	3,49	2,27	3,37
	Desvio-Padrão	1,208	1,290	1,319	1,024	1,413	1,276	1,252
FCNAUP	Média	3,92	3,13	4,33	4,13	3,63	2,29	4,50
	Desvio-Padrão	1,283	1,227	0,868	1,035	1,345	1,334	0,659
FADEUP	Média	3,22	4,61	2,89	3,28	3,22	2,53	3,56
	Desvio-Padrão	1,263	0,698	1,410	1,127	0,878	1,125	1,149
FDUP	Média	3,79	4,79	2,90	3,59	3,26	2,77	3,44
	Desvio-Padrão	1,380	0,522	1,314	1,093	1,117	1,423	1,314
FEP	Média	3,91	3,32	2,15	2,85	3,50	2,57	3,52
	Desvio-Padrão	1,039	1,144	1,063	1,083	1,111	1,298	1,049
FEUP	Média	4,09	2,94	2,52	3,22	3,43	3,00	3,74
	Desvio-Padrão	1,263	1,156	1,370	1,192	1,126	1,414	1,216
FFUP	Média	4,00	3,00	3,20	3,60	3,60	2,80	4,60
	Desvio-Padrão	1,732	1,000	1,483	1,342	1,342	1,483	0,548
FLUP	Média	4,11	4,09	3,96	4,26	3,66	2,22	3,46
	Desvio-Padrão	1,179	1,259	1,192	1,099	1,389	1,316	1,334
FMUP	Média	3,25	2,50	2,00	2,50	3,00	2,00	3,25
	Desvio-Padrão	1,708	1,000	0,816	1,000	1,633	0,816	1,708
FMDUP	Média	3,72	4,72	2,53	4,22	4,06	2,28	3,67
	Desvio-Padrão	1,018	0,575	1,281	0,732	0,802	1,364	1,029
FPCEUP	Média	4,39	4,46	3,47	4,27	3,59	2,22	3,31
	Desvio-Padrão	0,910	0,934	1,223	0,887	1,257	1,170	1,163
ICBAS	Média	3,31	4,24	2,39	3,83	3,69	1,50	3,94
	Desvio-Padrão	1,401	0,970	1,195	1,295	1,401	0,786	1,211
Total	Média	3,97	3,90	3,37	3,93	3,53	2,37	3,57
	Desvio-Padrão	1,223	1,251	1,389	1,148	1,309	1,314	1,238

Legenda: 1 - Falta de experiência profissional; 2 - Excesso de licenciados na sua área de formação 3 - Desinteresse das entidades empregadoras pelos licenciados na sua área científica; 4 - Fraca oferta de empregos para licenciados na sua área científica; 5 - Fraca oferta de empregos na sua área geográfica de interesse; 6 - Discriminação no processo de selecção (em função do género, da idade, da situação social, da incapacidade física); 7 - Condições de trabalho (salário, horário, equipamentos, instalações) inaceitáveis.

No decurso do tempo de procura do primeiro emprego regular, 29,3% dos licenciados exerceram ou ainda exercem trabalhos esporádicos. Têm maior expressão quantitativa dois tipos: Serviços Administrativos, Informáticos e *Call Centers*; Educação e Formação (em que se destacam as explicações e a animação). Em terceiro lugar, embora nitidamente distanciado, encontra-se o Apoio à Investigação. Na maioria das situações, tais actividades não se relacionam directamente com a formação académica obtida na licenciatura, funcionando primeiramente como um meio de obtenção de recursos financeiros. No caso dos inquiridos da UPorto, os trabalhos esporádicos não possibilitaram um ingresso mais rápido no emprego.

Quadro 5.2
Tipos de actividades desenvolvidas pelos licenciados

	%
Serviços Administrativos, Informáticos e <i>Call Centers</i>	44,3
Actividades Artísticas	4,9
Trabalho Industrial	1,1
Apoio à investigação	10,6
Educação e Formação	30,5
Actividades Desportivas	2,9
Consultas (Psicologia, Medicina, Nutrição)	5,7
Total	100,0

Uma expressiva maioria de 77,8% dos licenciados de 2005/2006¹³ já acedeu ao primeiro emprego regular¹⁴, enquanto 9,1% se mantém no desemprego e o restante enveredou pela continuação dos estudos, pela formação profissional ou pelo estágio profissional.

Quadro 5.3.
Acesso ao primeiro emprego regular (% em linha)

	Não acedeu ao primeiro emprego regular e está em formação profissional ou a estudar	Não acedeu ao primeiro emprego regular e frequenta um estágio profissional	Ainda está à procura do primeiro emprego regular	Aceceu ao primeiro emprego regular
FAUP	2,2	6,5	17,4	73,9
FBAUP	16,7	3,3	33,3	46,7
FCUP	16,9	2,0	14,2	66,9
FCNAUP	2,9	11,4	11,4	74,3
FADEUP	3,6	3,6	7,1	85,7
FDUP	5,7	55,8	7,7	30,8
FEP	2,1	2,9	2,2	92,8
FEUP	2,9	1,9	3,8	91,4
FFUP	14,9	0	0	85,1
FLUP	10,5	3,8	19,5	66,2
FMUP	4,3	4,3	1,1	90,3
FMDUP	3,3	0	3,2	93,5
FPCEUP	2,9	5,7	17,1	74,3
ICBAS	4,1	5,4	2,7	87,8
Total	7,7	5,4	10,0	76,9

Passaremos de seguida a analisar os licenciados empregados e os desempregados, tendo por referência empírica os dados explicitados no quadro acima, fazendo ressaltar os atributos mais relevantes para a compreensão da sua transição para o trabalho¹⁵.

¹³ A análise do primeiro emprego não inclui o segmento do total dos inquiridos que no último ano da sua licenciatura estudavam e executavam uma actividade profissional regular (trabalhadores estudantes).

¹⁴ Como se indica no guião do inquérito por questionário, “considera-se emprego regular uma actividade profissional remunerada exercida continuamente a tempo inteiro ou a tempo parcial, isto é não esporadicamente, como acontece com os trabalhos ocasionais”.

O contingente dos licenciados que ainda não acederam ao emprego após a conclusão da licenciatura, em 2005/2006, tem uma elevada taxa de feminização (71,2%) e em média estão há 15,2 meses na situação de desempregado (mais especificamente 56,9% tem uma duração de desemprego igual ou superior a 13 meses e o valor modal é de 24 meses). Uma leitura deste desemprego por género faz ressaltar que os homens têm uma duração em média de 16,4 meses, em contrapartida as mulheres registam um valor ligeiramente mais baixo na ordem dos 14,7 meses.

Para os licenciados que já acederam ao primeiro emprego regular, a média do tempo de duração de obtenção deste emprego foi de 4,2 meses, sendo de 4,6 meses nas mulheres e de 3,6 meses nos homens. A menor velocidade de acesso ao primeiro emprego daquelas é parcialmente tributária da sua forte presença nos cursos que mais dificuldades registam no acesso ao emprego. A desigualdade de género materializa-se numa maior vulnerabilidade das licenciadas face ao desemprego. É relevante o facto de 60,3% dos inquiridos ter passado à condição de empregado, no máximo de três meses após a finalização da licenciatura (60,7% nos homens e 55,9% nas mulheres). O desemprego de longa duração (superior a um ano) atinge valores mais reduzidos (6,8%), mas não menos importantes pela vulnerabilização social e profissional que este tipo de desemprego provoca nos licenciados, condicionando a sua futura trajectória no mercado de trabalho.

Quadro 5.4

Licenciados que acederam ao primeiro emprego regular após a conclusão da licenciatura, em meses (% em linha)

	NR	Acedeu imediatamente	1-3	4-6	7-9	10-12	13-16	17 e mais
FAUP		14,8	55,9	14,7	2,9	8,8	2,9	
FBAUP	6,7	6,7	33,3	13,3	6,7	13,3		20,0
FCUP		13,0	29,0	23,8	4,1	14,8	4,1	11,2
FCNAUP		3,8	46,3	34,6		11,5	3,8	
FADEUP		12,5	62,4	12,5	4,2	4,2		4,2
FDUP	5,8	5,9	52,9	11,8		5,9	11,8	5,9
FEP		28,8	49,2	14,1	4,7	0,8	0,8	1,6
FEUP		34,2	50,0	12,6	1,1	0,5		1,6
FFUP		45,0	52,5	2,5				
FLUP	0,7	5,0	43,6	20,0	10,0	9,3	5,7	5,7
FMUP	1,2	33,3	4,8	50,0	10,7			
FMDUP		24,1	48,3	20,7	6,9			
FPCEUP		5,8	26,9	17,3	19,2	13,5	11,5	5,8
ICBAS		26,2	20	43,0	6,2	1,5	3,1	
Total	0,1	21,3	39,0	21,5	5,6	5,7	2,8	4,0

No âmbito da trajectória profissional do licenciado após a conclusão da sua formação académica, o primeiro emprego regular é um momento importante não só pela sinalização da passagem à condição de empregado, esbatendo-se assim a possível desqualificação social inerente à situação de desempregado, mas também porque pode influenciar, de modo decisivo, a configuração que a sua trajectória terá

¹⁵ Pelo reduzido volume de inquiridos abrangidos, optámos por não abranger nesta análise as outras situações de acesso ao primeiro emprego.

posteriormente em termos de volume, qualidade e sequência temporal de empregos e de situações de desemprego.

Perspectivar actualmente a situação no mercado de trabalho dos licenciados passa necessariamente por uma análise, o mais fina possível, das características que assumiu ou assume o seu primeiro emprego¹⁶. Desde logo, atender aos meios accionados para a sua obtenção. Verificam-se as percentagens mais elevadas de respostas nos itens Por anúncio ou concurso público, Auto-proposta e Na sequência de um estágio profissional. As redes informais mais explícitas integram Familiares ou amigos, Colegas da licenciatura, Professores da Faculdade e foram mobilizadas por 16,6% dos licenciados. O papel de intermediação na transição, executado pelos sectores de inserção profissional das Faculdades a que os licenciados pertencem, pelo valor que assume deve ser destacado, sendo quatro vezes superior ao do Centro de Emprego (geralmente da responsabilidade da rede de intermediação de emprego do Estado). Por sua vez, 12,8% dos licenciados obtiveram um emprego que foi ou ainda é subsidiado por programas de inserção na vida activa, com particular destaque para os do Instituto de Emprego e Formação Profissional (74,0%).

Quadro 5.5
Meios de acesso ao primeiro emprego usados pelos licenciados

	%
Auto-proposta	18,8
Por anúncio ou concurso público	27,6
Centro de emprego	2,1
Serviços de emprego da Faculdade	8,4
Empresa de trabalho temporário	1,2
Familiares ou amigos	8,6
Colegas da licenciatura	3,5
Professores da Faculdade que frequentou	4,5
Instituições de formação profissional	0,9
Na sequência de um estágio profissional	10,9
Criou uma empresa	1,0
Começou a trabalhar como trabalhador independente	2,2
Concessão de uma bolsa num projecto de investigação	3,7
Outro	6,6
Total	100,0

Uma parcela maioritária dos licenciados exerce profissões que se integram no grupo dos Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas (73,6%). Com um valor fortemente distanciado, encontra-se o grupo dos Técnicos e profissionais de nível intermédio (11,8%). Entretanto, 8,1% detém uma actividade profissional que genericamente está abaixo das suas qualificações académicas.

¹⁶ Dados por curso – Quadros 17C a 25C (Anexo C).

Quadro 5.6
Grupos profissionais do primeiro emprego dos licenciados

	%
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	3,0
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	73,6
Técnicos e profissionais de nível intermédio	11,8
Pessoal Administrativo e Similares	5,8
Pessoal dos Serviços e Vendedores	2,1
Operários, Artífices e Trabalhadores similares	0,1
Membros das Forças Armadas	0,2
Trabalhadores não qualificados	0,1
NR	3,3
Total	100,0

Uma análise mais desagregada dos grupos profissionais acima indicados permite verificar que engenheiros, médicos (ainda no internato geral) e docentes (ensino básico e secundário) assumem valores expressivos no leque, necessariamente amplo e heterogéneo, de actividades profissionais desempenhadas pelos inquiridos no seu primeiro emprego regular.

Quadro 5.7
Profissões mais representativas dos licenciados no seu primeiro emprego (% face ao total)

	%
Engenheiros	14,4
Médicos (internato)	12,9
Docentes (Ensino Básico e Secundário)	8,7
Escriturários	4,2
Farmacêuticos	3,8
Analistas e Programadores Informáticos	3,3
Arquitectos	3,2
Psicólogos	2,7
Formadores	2,7
Médicos Dentista	2,6

O assalariamento predomina no seio dos licenciados com 75,0%. Com excepção do trabalho independente, as restantes categorias referentes à situação na profissão apresentam um peso bastante limitado. Consequência directa do acréscimo das actividades de investigação científica, em particular na UPorto, os bolseiros de investigação, com uma situação contratual particular face ao Ministério da Ciência, da Tecnologia e do Ensino Superior e às instituições de investigação, têm uma posição relativa, ainda que reduzida, mas não displicente em termos de segmentação profissional do mercado de trabalho.

Quadro 5.8
Situação na profissão, vínculo contratual e tipo de organização do primeiro emprego dos licenciados

	%
Situação na profissão	
Trabalhador por conta própria com empregados	1,2
Trabalhador por conta própria sem empregados	0,8
Trabalhador independente	13,8
Trabalhador por conta de outrem	75,0
Bolseiro(a) num projecto de investigação científica	4,7
Outra situação	4,2
NR	0,3
Total	100,0
Vínculo Contratual	
Contrato de trabalho sem termo	22,4
Contrato de trabalho a termo certo	38,5
Contrato de trabalho a termo incerto	7,5
Contrato de prestação de serviços/recibos verdes	14,0
Bolsa num projecto de investigação científica	4,7
Avença	0,3
Sem contrato	5,3
Outra situação	5,4
NR	1,9
Total	100,0
Tipo de organização	
Empresa Privada	60,7
Empresa Pública	9,6
Empresa Mista (capitais públicos e privados)	4,9
Administração Pública Central e Regional	7,5
Administração Pública Local	3,5
Instituto Público	5,1
Instituição Particular de Solidariedade Social	1,8
Outro	5,3
NR	1,6
Total	100,0

Concomitantemente, as formas de emprego caracterizadas pela precariedade contratual (Contrato de trabalho a termo, Contrato de prestação de serviços/recibos verdes, Bolsa num projecto de investigação científica, Sem contrato) abrangem uns expressivos 65,3% dos inquiridos. Provavelmente uma parcela importante dos que detêm um Contrato de prestação de serviços/recibos verdes são falsos independentes, tendo uma efectiva situação profissional de assalariado (Gonçalves, Parente e Veloso, 2001 e 2005). O início da actividade profissional de todo este conjunto de licenciados está marcado pela instabilidade e incerteza. Contrastando com este facto, não deixa de ser surpreendente o peso relativo dos que têm um vínculo laboral sem termo (22,4%). As desigualdades de género destacam-se face ao vínculo contratual. Do total dos homens, 26,9% tem aquele vínculo laboral, enquanto nas mulheres ascende aos 19,4%.

A maioria dos licenciados (60,7%) obteve o seu primeiro emprego numa empresa privada. Por sua vez, cerca de um quarto dos inquiridos inseriam-se no conjunto dos vários tipos de organização directa ou indirectamente relacionados com o Estado (administração pública, empresa e instituto público). Em consequência dos aspectos apontados, 54,0% exercia a sua actividade em organizações com mais de 101

trabalhadores (com particular destaque para 36,3%, que se encontra no escalão nas de mais de 500 trabalhadores). Nas micro e pequenas organizações trabalham 18,8% dos respondentes.

Em termos de sector de actividade, os sectores da Saúde e acção Social, das Outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais e da Educação registam os valores mais elevados (em conjunto, representam 63,3% dos licenciados). Podemos incluir a Construção, as Indústrias Transformadoras, as Actividades Financeiras e o Comércio por Grosso e a Retalho num segundo grupo de sectores, mas com valores notoriamente distanciados dos que integram o primeiro grupo. Para uma esmagadora maioria dos licenciados (80,8%), o primeiro emprego regular enquadra-se no Terciário.

Quadro 5.9
Sector de actividade do primeiro emprego dos licenciados

	%
Agricultura, produção animal, caça e silvicultura	1,0
Indústrias Extractivas	0,8
Indústrias transformadoras	5,8
Produção e distribuição de electricidade, de gás e água	1,5
Construção	8,5
Comércio por grosso e a retalho	4,2
Alojamento e restauração	0,6
Transportes, armazenagem e comunicações	2,7
Actividades financeiras	5,1
Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas	2,0
Administração pública, defesa e segurança social obrigatória	2,9
Educação	14,0
Saúde e acção Social	25,4
Outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais	23,9
NR	1,6
Total	100,0

Globalmente podemos considerar como satisfatório o grau de adequação das funções do primeiro emprego dos licenciados à sua formação académica¹⁷. Aspecto indiciador da qualidade do emprego e que tem uma particular relevância, atendendo a que estamos no momento inicial da trajectória profissional dos inquiridos. Como é patente em diversos estudos (Teichler, 2007; Schomburg e Teichler, 2006, entre outros), a qualidade que assume o primeiro emprego (não só em termos da natureza do trabalho, mas igualmente das condições objectivas que o enformam e das recompensas simbólicas que possibilita) determina pesadamente a configuração que irá ter no futuro a trajectória profissional do licenciado, precisamente num contexto sócio-económico de incerteza e acrescida mobilidade no mercado de trabalho. Os licenciados da FBAUP, da FMDUP, do ICBAS e da FMUP sobressaem por apresentarem as médias mais elevadas, sinal de uma forte adequação entre formação académica e emprego.

¹⁷ Numa escala de 1 = nada importante a 5 = muito importante.

Quadro 5.10
Relação entre o primeiro emprego e a formação académica

Faculdades	Média	Desvio-Padrão
FAUP	3,49	0,919
FBAUP	4,14	0,949
FCUP	3,39	1,099
FCNAUP	3,58	1,065
FADEUP	3,67	1,465
FDUP	3,47	1,246
FEP	3,77	1,053
FEUP	3,64	0,934
FFUP	3,50	1,198
FLUP	3,19	1,373
FMUP	3,83	0,706
FMDUP	4,00	0,535
FPCEUP	3,46	0,999
ICBAS	3,86	0,560
Total	3,58	1,062

Uma parcela dos inquiridos (20,4%) reconhece que as funções que desempenha podem ser executadas por licenciados com uma formação académica diferente da sua. Em contraste com esta posição, encontra-se 58,5%, que explicitamente indica que as suas funções somente podem ser realizadas por um outro licenciado com a mesma titulação universitária. Tal como se tinha apontado para o emprego actual, assume sempre significado quanto à qualidade do processo de transição dos licenciados o número daqueles que vivenciam situações de sobrequalificação académica (17,7% do total dos inquiridos) independentemente da sua expressão quantitativa.

6. TRABALHADORES ESTUDANTES

No último ano da licenciatura, 13,9% dos inquiridos exerceu uma actividade profissional regular. Destes, 53,9% eram mulheres e em termos de idade 61,8% concentravam-se no escalão dos 25 aos 29 anos. Só uma parcela diminuta (18,4%) tinha mais de 30 anos de idade.

Maioritariamente os trabalhadores estudantes têm uma carga horária semanal superior às 30 horas (61,8%) e desempenham actividades profissionais no grupo dos Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas e dos Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio (o somatório dos dois representam 57,9% do total). Os grupos do Pessoal Administrativo e Similares e do Pessoal dos Serviços e Vendedores, caracterizados genericamente pela sua diversidade interna e por exigências qualificacionais mais restritas comparativamente aos anteriores, apresentam valores que podem considerar-se significativos. A par de um forte assalariamento (80,2%), a quase maioria (44,2%) tinha um contrato de trabalho sem termo. Do conjunto de formas de precariedade laboral, sublinha-se o Contrato de trabalho com termo certo, seguido do Contrato de prestação de serviços/recibos verdes.

Quadro 6.1
Profissão, situação na profissão e vínculo laboral dos trabalhadores estudantes

Grupo Profissional	%
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	1,3
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	15,8
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	42,1
Pessoal Administrativo e Similares	14,5
Pessoal dos Serviços e Vendedores	17,1
Trabalhadores Não Qualificados	1,3
NR	7,9
Total	100,0
Situação na Profissão	
Trabalhador por conta própria com empregados	1,8
Trabalhador por conta própria sem empregados	2,3
Trabalhador independente	15,7
Trabalhador por conta de outrem	80,2
Total	100,0
Vínculo Laboral	
Contrato de trabalho sem termo	44,2
Contrato de trabalho a termo certo	25,8
Contrato de trabalho a termo incerto	6,0
Contrato de prestação de serviços/Recibos verdes	19,4
Avença	0,9
Sem contrato	3,7
Total	100,0

Uma importante parcela dos trabalhadores estudantes estava inserida em empresas, em particular nas privadas (66,8%). Por sua vez, quanto à dimensão das organizações destacam-se os escalões dos 11 a 100 trabalhadores e o de mais de 500 trabalhadores, enquanto 19,4% em organizações até 10 trabalhadores. As Indústrias Transformadoras, a Construção, a Educação e as Outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais são os sectores que têm os pesos mais elevados. Em termos agregados, o terciário com o valor de 76,0% do total dos trabalhadores estudantes.

Quadro 6.2
Tipos de organização, dimensão e sectores de actividade dos trabalhadores estudantes

	%
Tipos de organização	
Empresa Privada	66,8
Empresa Pública	6,5
Empresa Mista	4,1
Administração Pública Central e Regional	7,8
Administração Pública Local	3,2
Instituto Público	4,1
Outro	7,5
Total	100,0
Dimensão da organização	
De 1 a 5 trabalhadores	12,0
De 6 a 10 trabalhadores	7,4
De 11 a 100 trabalhadores	32,7
De 101 a 500 trabalhadores	17,1
Mais de 500 trabalhadores	30,9
Total	100,0
Sectores de Actividade	
Agricultura, produção animal, caça e silvicultura	0,5
Indústrias Extractivas	0,5
Indústrias transformadoras	10,1
Produção e distribuição de electricidade, de gás e água	0,9
Construção	11,5
Comércio por grosso e a retalho	8,3
Alojamento e restauração	1,8
Transportes, armazenagem e comunicações	4,6
Actividades financeiras	5,1
Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas	1,8
Administração pública, defesa e segurança social obrigatória	7,4
Educação	17,5
Saúde e acção social	9,3
Outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais	20,7
Total	100,0

Posteriormente à conclusão das licenciaturas, os trabalhadores estudantes apresentam trajectórias profissionais diferenciadas. Dos elementos do Quadro 6.3, referenciamos especificamente duas. Uma corresponde à fracção que permaneceu na mesma organização, mantendo-se nela actualmente (47,0%). Destes, até ao momento da aplicação do inquérito, unicamente 7,8% tinha mudado de profissão e 18,4% auferido de um acréscimo da remuneração. Dados que indicam que para um amplo volume de trabalhadores estudantes a obtenção da licenciatura não teve efeitos benéficos na qualidade da sua inserção no mercado de trabalho.

Quadro 6.3
Trajectórias profissionais dos trabalhadores estudantes após a conclusão da licenciatura

	%
Permaneceu na organização, mantendo-se nela actualmente	47,0
Permaneceu na organização, mas mudou posteriormente	35,0
Permaneceu na organização, mas entrou no desemprego, onde se encontra actualmente	10,1
NR	7,9
Total	100,0

Somente 35,0% do total dos trabalhadores estudantes mudou de organização após a conclusão da licenciatura. Se atendermos à sua situação laboral à data do inquérito comparativamente à correspondente ao último ano da licenciatura, verifica-se globalmente um acréscimo do peso dos indivíduos com profissões integradas nos grupos dos Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa, dos Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas e dos Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio. Tais trajectórias estão associadas a uma tendência de melhoria da posição daqueles inquiridos no mercado de trabalho provavelmente em consequência da posse da titulação de licenciado entretanto adquirida. É igualmente patente neste movimento transitório uma não alteração da distribuição relativa dos respondentes pelos diversos tipos de contrato de trabalho e, em simultâneo, um acréscimo da terciarização dos empregos. Para 55,4% destes licenciados, as funções que desempenham na sua actual actividade profissional estão muito ou razoavelmente adequadas à sua licenciatura. Posição de adequação que é reforçada por outro dado – 48,0% considera que aquela actividade só pode ser desempenhada por indivíduos com a mesma formação académica, contudo uma proporção não displicente (25,3%) configura uma situação de desqualificação ou sobrequalificação académica, ao indicarem que a sua actividade pode ser executada por indivíduos detentores de um curso com um grau académico inferior ao seu.

7. TRAJECTÓRIAS NO MERCADO DE TRABALHO E DESEMPREGO

Do conjunto de licenciados que já acederam à condição de empregado, 80,8% só teve até ao momento um único emprego¹⁸. Tal forte estabilidade decorre principalmente de estarmos perante uma população que detém uma trajectória profissional temporalmente ainda limitada no mercado de trabalho, considerando o período que medeia entre a data de conclusão do curso na UPorto e a actualidade¹⁹. Por sua vez, 11,3% tiveram dois e 7,9% três e mais empregos.

¹⁸ Dados por curso – Quadro 26C e 27C (Anexo C).

¹⁹ Período que varia entre os 20 meses e os 25 meses conforme a época de avaliação dos conhecimentos em que é concluída a licenciatura.

Se tivermos em conta as formas de saída do primeiro emprego regular, é verificável a polarização entre a Cessação do contrato a termo ou da Bolsa de investigação (33,1%), por um lado, e o Despedimento por iniciativa do próprio inquirido (39,6%), por outro. Igualmente emergem como significativas a Rescisão contratual por mútuo acordo e a Cessação do contrato de prestação de serviços, cada uma com cerca de 10,0% de respostas.

Quadro 7.1
Formas de saída do primeiro emprego regular

	%
Cessação do contrato a termo certo	29,8
Cessação da bolsa de investigação no âmbito de um projecto de investigação científica	3,3
Falência e/ou encerramento da empresa	2,4
Despedimento colectivo	0,8
Despedimento individual por iniciativa da entidade empregadora	1,6
Despedimento individual por iniciativa própria	39,6
Rescisão contratual por mútuo acordo	10,2
Cessação do contrato de prestação de serviços	10,6
NR	1,7
Total	100,0

Solicitados a indicar o grau de importância²⁰ para cada um dos motivos para a sua saída voluntária do primeiro emprego, o Projecto de trabalho mais interessante ocupa a posição cimeira na ordenação por médias. Afigura-se-nos relevante o valor que é obtido por um factor intrínseco do trabalho (suplantando motivos relacionados com as condições de trabalho e a remuneração). Provavelmente para alguns licenciados o primeiro emprego é assumido como um momento transitório, que possibilita adquirir experiência e superar a condição de desempregado de inserção, necessariamente abandonado por uma provável experiência profissional mais enriquecedora.

Quadro 7.2
Motivos para a saída do primeiro emprego

	Média	Desvio-Padrão
Projecto de trabalho mais interessante	4,4	1,054
Melhores condições de trabalho	4,0	1,239
Melhor remuneração	3,9	1,317
Função e/ou instituição mais prestigiante	3,6	1,403
Melhores relações de trabalho com as chefias/colegas	3,5	1,428
Melhor situação jurídica	3,0	1,429

Após a saída do primeiro emprego, 82,5% dos inquiridos ingressa num novo emprego. A quase totalidade destes (93,1%) fê-lo num período não superior a 3 meses. Em contrapartida, 17,5% mantém-se ainda desempregado à data da aplicação do inquérito, embora com durações diferenciadas (de 1 a 3 meses 77,3%, o restante 4 e mais meses). A importância relativa destes fluxos permite descortinar que para uma

²⁰ Numa escala de 1=nada adequado a 5=muito adequado.

parcela significativa dos inquiridos subsiste uma notória capacidade de mobilidade no mercado de trabalho.

Uma leitura mais dinâmica da transição entre a Universidade e o trabalho pode ser obtida se compararmos algumas das características do primeiro emprego com as do emprego actual (ou último, no caso de estar desempregado à data de aplicação do inquérito por questionário). Em termos de grupos profissionais, observa-se globalmente entre os dois momentos um acréscimo do peso relativo dos grupos com maiores recursos qualificacionais, materiais e simbólicos (Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa e Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas), feito principalmente à custa da redução da proporção dos Técnicos e profissionais de nível intermédio. Se atendermos ao vínculo contratual, ressalta uma tendência global – acréscimo da proporção de licenciados em precariedade contratual (tomando em consideração o seu conjunto) do primeiro para o emprego actual. O Contrato de trabalho a termo certo passa quase a abranger metade dos licenciados que protagonizaram um processo de mobilidade no mercado de trabalho.

Quadro 7.3
Estrutura dos grupos profissionais e dos vínculos contratuais do primeiro e do actual emprego (%)

	1º Emprego	Emprego Actual
Grupos Profissionais		
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	3,1	5,7
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	76,1	78,3
Técnicos e profissionais de nível intermédio	12,2	8,8
Pessoal Administrativo e Similares	6,0	5,7
Pessoal dos Serviços e Vendedores	2,2	1,5
Operários, Artífices e Trabalhadores e Similares	0,1	-
Membros das Forças Armadas	0,2	-
Trabalhadores Não Qualificados	0,1	-
Total	100,0	100,0
Vínculo Contratual		
Contrato de trabalho sem termo	22,9	22,3
Contrato de trabalho a termo certo	39,3	45,0
Contrato de trabalho a termo incerto	7,7	5,9
Contrato de prestação de serviços/recibos verdes	14,3	13,0
Bolsa em projecto de investigação	4,8	0,4
Avença	0,3	5,2
Sem contrato	5,4	5,6
Outra situação	5,2	2,6
Total	100,0	100,0

Por último, e continuando a tomar unicamente por referência empírica os licenciados que tiveram até ao momento mais de um emprego regular, observa-se que uma ampla maioria (cerca de 70%) nunca esteve desempregado. Verifica-se que menos de 6 meses é a classe modal da duração do desemprego.

Quadro 7.4
Desemprego ao longo da trajetória profissional

	%
Número de vezes	
Nenhuma	69,6
Uma	27,1
Duas	3,3
Total	100,0
Duração do desemprego	
Menos de 6 meses	57,5
De 7 a 12 meses	35,0
13 e mais meses	7,5
Total	100,0

8. AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO ACADÉMICA

Na generalidade, a avaliação da formação obtida na UPorto é francamente positiva (Quadro 8.1)²¹, com destaque para a promoção de conhecimentos teóricos. A adequação ao mercado de trabalho é menos valorizada, ainda que se situe no pólo positivo da escala.

Quadro 8.1
Avaliação da formação obtida na Universidade do Porto

	Média	Desvio-Padrão
Conhecimentos teóricos	4,12	0,763
Conhecimentos técnicos	3,50	0,912
Competências profissionais	3,43	0,961
Competências relacionais	3,53	0,956
Enriquecimento profissional	3,52	0,928
Adequação ao mercado de trabalho	3,16	1,064

Como seria de esperar, há uma variação significativa desta avaliação em função da Faculdade (Gráficos 8.1 a 8.6), embora seja de salientar que nenhuma parece deter o monopólio da satisfação com a formação. Em todo o caso, e tendencialmente, são os domínios onde a ligação com a profissionalidade parece ser mais directa que recolhem uma avaliação mais positiva. As dimensões com maior variação são as relativas às competências profissionais e à adequação ao mercado de trabalho.

²¹ Dados por curso – Quadro 29C (Anexo C).

Gráfico 8.1
Avaliação dos conhecimentos teóricos em função da Faculdade

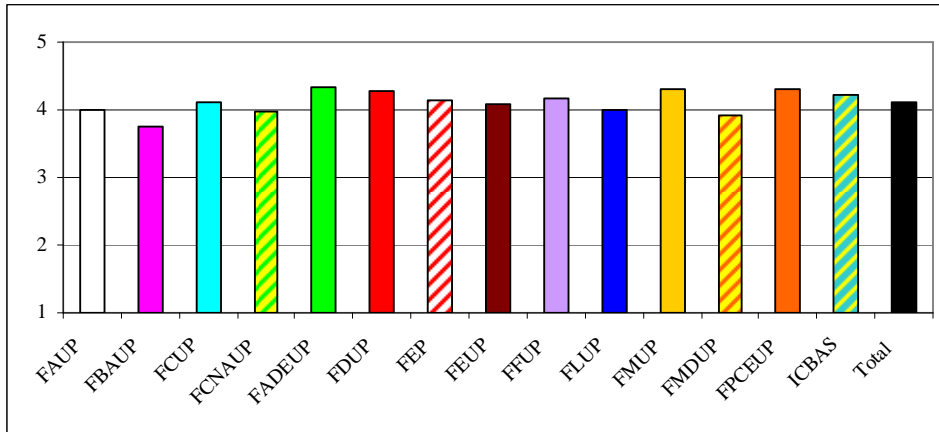


Gráfico 8.2
Avaliação dos conhecimentos técnicos em função da Faculdade

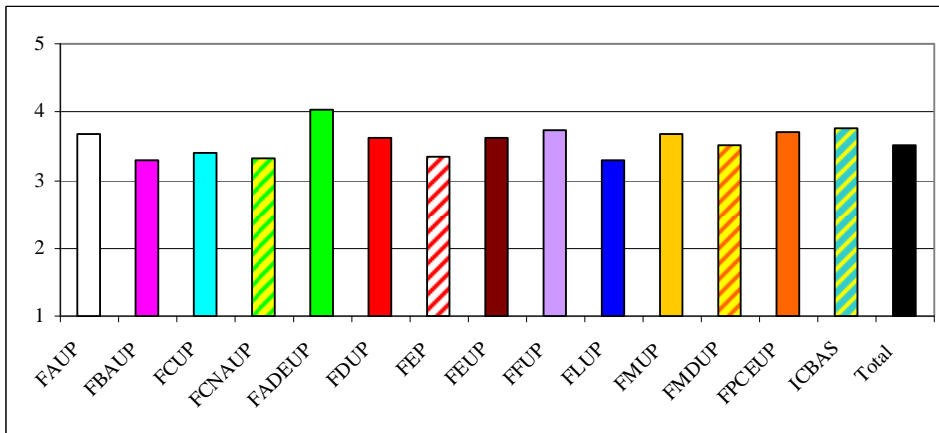


Gráfico 8.3
Avaliação das competências profissionais em função da Faculdade

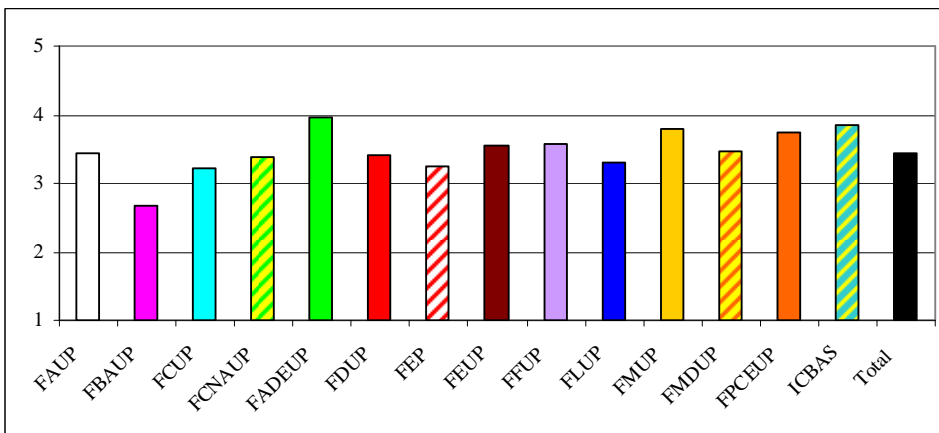


Gráfico 8.4
Avaliação das competências relacionais em função da Faculdade

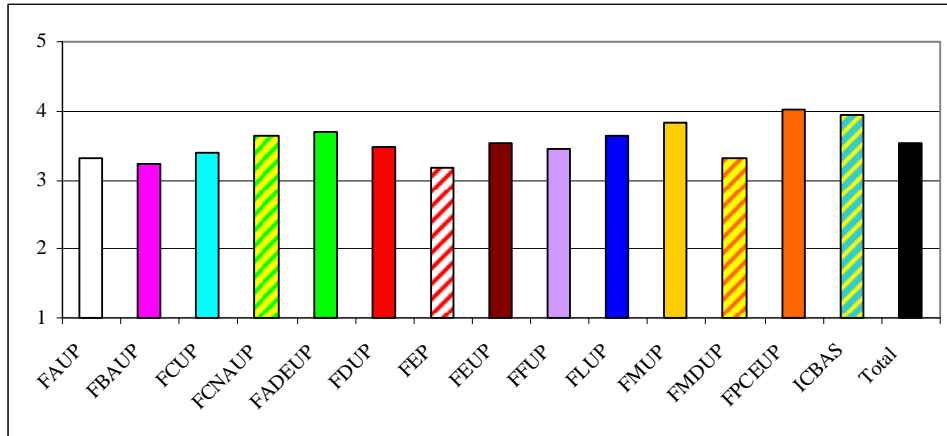


Gráfico 8.5
Avaliação do enriquecimento profissional em função da Faculdade

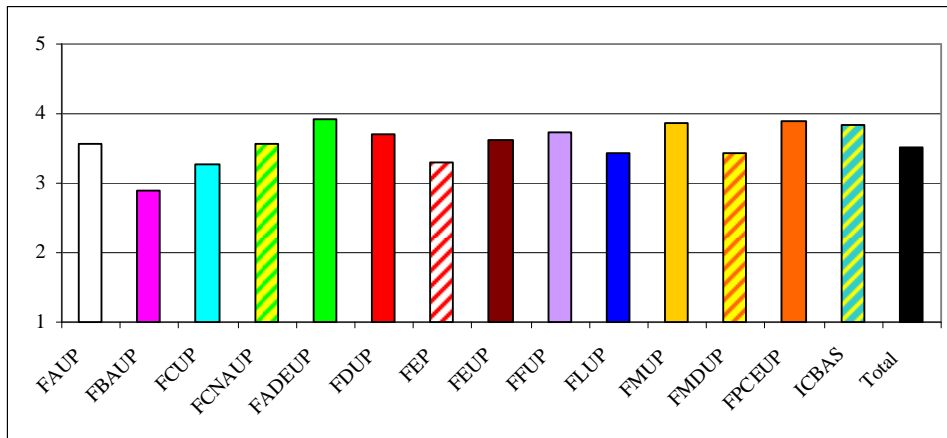
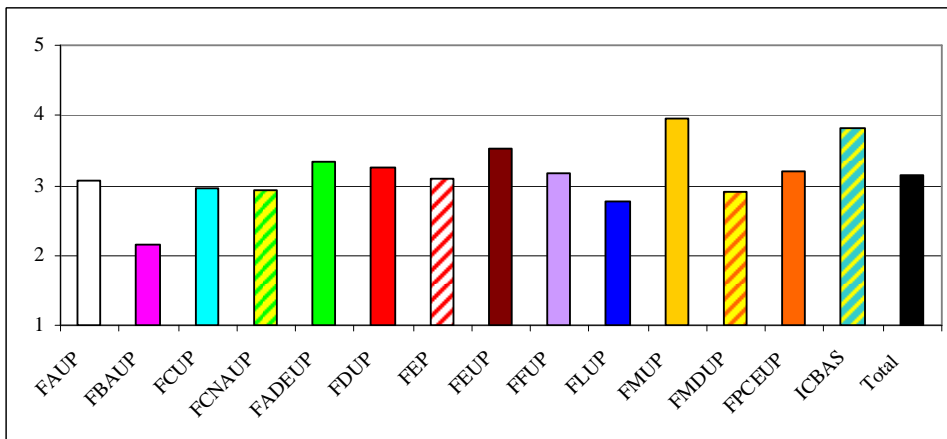


Gráfico 8.6
Avaliação da adequação ao mercado de trabalho em função da Faculdade



Esta apreciação varia de forma significativa em função do estatuto ocupacional actual (Quadro 8.2), sendo que o impacto do desemprego se repercute negativamente em todas as dimensões de avaliação da formação. É também de salientar que os licenciados que continuam em formação – estudantes ou em estágio – tendem a fazer uma avaliação ainda mais positiva, do que os que estão a trabalhar, da sua formação, embora essa diferença não seja muito expressiva. Em todo o caso, são os licenciados que estão a trabalhar ou em formação que avaliam mais positivamente a formação obtida.

Quadro 8.2
Avaliação da formação obtida na Universidade do Porto em função do estatuto perante o trabalho

		Média	Desvio-Padrão
Conhecimentos teóricos	Exerce uma profissão	4,13	0,735
	Desempregado	3,85	0,869
	Exclusivamente estudante	4,25	0,786
	Frequenta um estágio	4,26	0,654
	Bolseiro em projecto de investigação científica	4,11	0,787
	Outra situação	3,90	0,933
	Total	4,12	0,763
Conhecimentos técnicos	Exerce uma profissão	3,53	0,859
	Desempregado	3,11	1,151
	Exclusivamente estudante	3,69	0,951
	Frequenta um estágio	3,54	0,837
	Bolseiro em projecto de investigação científica	3,45	0,996
	Outra situação	3,48	0,965
	Total	3,50	0,912
Competências profissionais	Exerce uma profissão	3,46	0,921
	Desempregado	3,06	1,066
	Exclusivamente estudante	3,60	1,055
	Frequenta um estágio	3,41	0,912
	Bolseiro em projecto de investigação científica	3,51	0,831
	Outra situação	3,44	1,193
	Total	3,43	0,961
Competências relacionais	Exerce uma profissão	3,54	0,943
	Desempregado	3,33	1,002
	Exclusivamente estudante	3,64	0,967
	Frequenta um estágio	3,61	0,914
	Bolseiro em projecto de investigação científica	3,62	0,822
	Outra situação	3,54	1,179
	Total	3,53	0,956
Enriquecimento profissional	Exerce uma profissão	3,57	0,872
	Desempregado	3,00	1,132
	Exclusivamente estudante	3,61	1,013
	Frequenta um estágio	3,64	0,807
	Bolseiro em projecto de investigação científica	3,51	0,856
	Outra situação	3,49	1,073
	Total	3,52	0,928
Adequação ao mercado de trabalho	Exerce uma profissão	3,22	1,026
	Desempregado	2,47	1,122
	Exclusivamente estudante	3,38	1,077
	Frequenta um estágio	3,30	0,966
	Bolseiro em projecto de investigação científica	3,06	0,987
	Outra situação	3,12	1,205
	Total	3,16	1,064

Finalmente, é curioso constatar a inexistência de diferenças de sexo na avaliação da qualidade da formação ao nível das competências profissionais, do enriquecimento profissional e da adequação ao mercado de trabalho. No entanto, enquanto que os homens avaliam mais positivamente os conhecimentos teóricos e técnicos, as mulheres valorizam mais o impacto nas competências relacionais – diferenças que, embora significativas, não são particularmente expressivas.

Quadro 8.3
Avaliação da formação obtida na Universidade do Porto em função do género

		Média	Desvio-Padrão
Conhecimentos teóricos	Feminino	4,08	0,766
	Masculino	4,18	0,755
	Total	4,12	0,763
Conhecimentos técnicos	Feminino	3,45	0,919
	Masculino	3,59	0,896
	Total	3,50	0,912
Competências profissionais	Feminino	3,43	0,955
	Masculino	3,43	0,971
	Total	3,43	0,961
Competências relacionais	Feminino	3,60	0,919
	Masculino	3,43	1,003
	Total	3,53	0,956
Enriquecimento Profissional	Feminino	3,54	0,920
	Masculino	3,49	0,939
	Total	3,52	0,928
Adequação ao mercado de trabalho	Feminino	3,13	1,040
	Masculino	3,20	1,099
	Total	3,16	1,064

A frequência de formação pós-graduada e a intenção de a obter são também indicadores da satisfação com a formação na UPorto. Ora, pese embora o tempo relativamente curto que mediou entre a conclusão da licenciatura e a recolha destes dados (de 18 a 24 meses), é de sublinhar a baixa taxa de frequência de formação pós-graduada dos inquiridos – apenas ligeiramente superior a 10,0% para as pós-graduações e mestrados e envolvendo apenas cerca de 1/3 da amostra total. No entanto, essa formação, quando é feita, é-o de forma maioritária na UPorto.

Quadro 8.4
Frequência de formação pós-graduada e frequência na Universidade do Porto

		%
A frequentar	Outra licenciatura	1,4
	Pós-graduação	12,9
	Mestrado	13,4
	Doutoramento	5,6
A frequentar na Universidade do Porto	Outra licenciatura	55,0
	Pós-graduação	55,3
	Mestrado	76,8
	Doutoramento	65,9

Já quanto às intenções de realizar formação pós-graduada a confiança na formação na UPorto é francamente positiva, com 60% ou mais dos inquiridos que pretendem fazer formação a optarem por esta instituição universitária²².

Quadro 8.5
Intenção de frequência de formação pós-graduada e dessa frequência ser na Universidade do Porto

		%
Pretende vir a frequentar	Outra licenciatura	9,0
	Pós-graduação	37,1
	Mestrado	42,2
	Doutoramento	21,2
Pretende vir a frequentar na UPorto	Outra licenciatura	60,0
	Pós-graduação	64,5
	Mestrado	66,9
	Doutoramento	63,6

Assim, todos os indicadores dão conta de uma avaliação muito positiva da formação obtida na UPorto, em particular no que se refere aos conhecimentos teóricos. Esta avaliação é consistente com o facto da maioria dos licenciados que frequenta uma formação adicional (pré e pós-graduada) ou que o pretendem fazer no futuro optarem pela UPorto como instituição formadora.

9. PROJECTOS PARA O FUTURO E OBJECTIVOS DE VIDA

No que concerne aos projectos para o futuro, a maioria dos licenciados visa a manutenção do emprego, seja progredindo na carreira na organização em que actualmente trabalha ou mantendo a situação ocupacional actual (Quadro 9.1)²³. De salientar que mais de 15,0% pretendem encontrar emprego e que quase ¼ perspectiva uma mudança de organização ou de actividade. É residual a referência à criação de empresa própria (2,2%) e o projecto de ir trabalhar para o estrangeiro (0,6%).

Quadro 9.1
Projectos para o futuro

	%
Manter a situação ocupacional actual	10,8
Permanecer na empresa ou organização, mas progredir na carreira	42,3
Mudar de empresa ou organização	14,5
Mudar de empresa ou organização, mas mudando de actividade profissional	9,8
Encontrar emprego	16,5
Outro	6,1
Total	100,0

²² Dados por curso – Quadros 31C a 33C (Anexo C).

²³ Dados por curso – Quadro 34C (Anexo C).

No domínio da valorização de diversas dimensões de vida (Quadro 9.2), a Família surge como o domínio mais importante, seguido de perto pelos Amigos. Entretanto, o Trabalho surge em 3º lugar e a Cultura e lazer em 4º. De forma não surpreendente, a Participação cívica destaca-se da Participação política-partidária que é a única a figurar no pólo negativo da escala – o que é congruente com outros estudos neste domínio realizados em Portugal (Ferreira, 2006; Menezes, Afonso, Gião & Amaro, 2005; Teixeira, 2004; Veiga, 2008).

Quadro 9.2
Importância de diferentes dimensões da vida

	Média	Desvio-Padrão
Família	4,77	0,579
Amigos	4,56	0,694
Trabalho	4,30	0,712
Cultura e lazer	4,22	0,726
Participação cívica	3,71	0,926
Participação política-partidária	2,34	1,129

Com excepção da importância atribuída aos amigos, em que os licenciados das várias Faculdades não se diferenciam, há uma variação significativa na importância atribuída às diferentes dimensões (Gráficos 9.1 a 9.5) – o que seria de esperar se atendermos a que há indícios de uma relação entre a área de estudo e os objectivos de vida (Garcia-Aracil, Gabaldon, Mora e Vila, 2007; Schomburg, 2007), na medida em que a escolha de uma área de estudos deriva, também, de escolhas de valores. Em todo o caso, a variabilidade tende a não ser muito expressiva. Mas é interessante constatar que os licenciados da FLUP são dos que mais valorizam o trabalho, a cultura e o lazer e a participação política e os da FEP e da FEUP dos que menos importância atribuem à participação cívica.

Gráfico 9.1
Importância da família em função da Faculdade

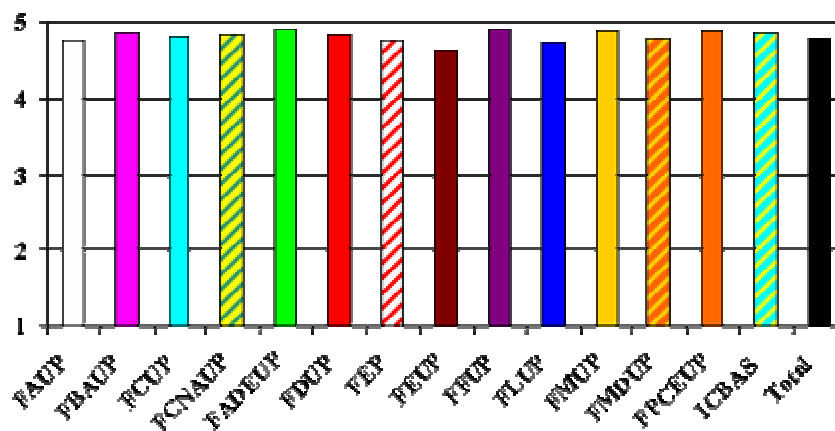


Gráfico 9.2
Importância do trabalho em função da Faculdade

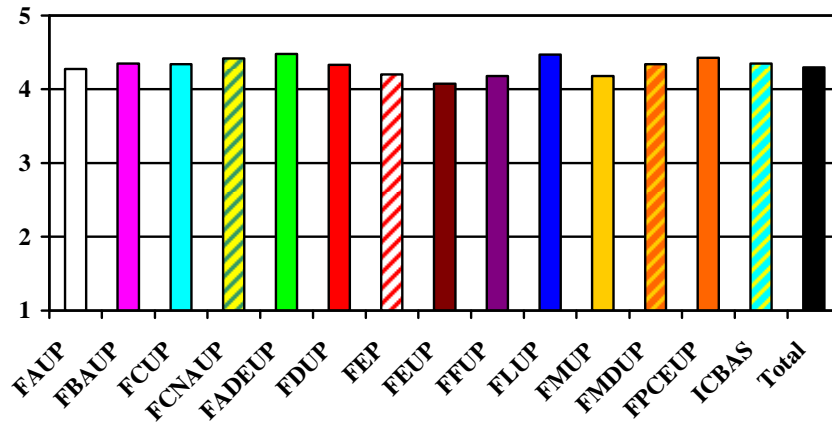


Gráfico 9.3
Importância da cultura e lazer em função da Faculdade

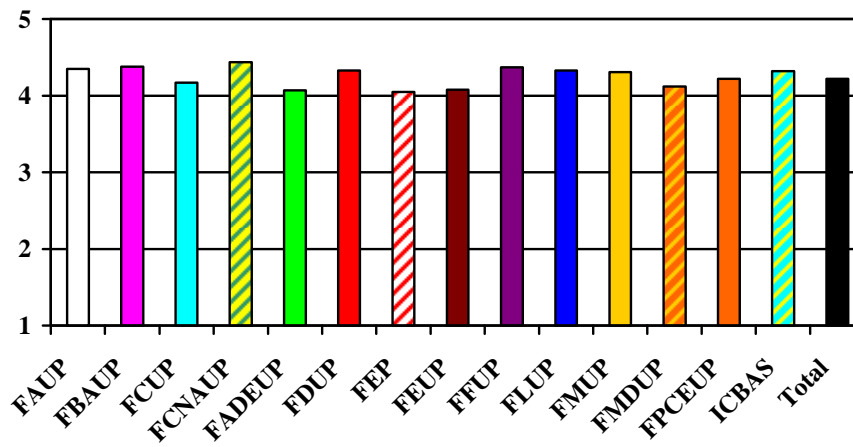


Gráfico 9.4
Importância da participação cívica em função da Faculdade

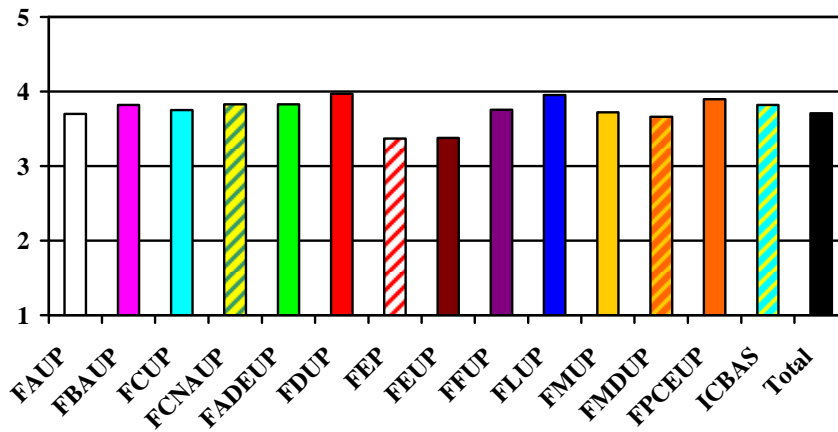
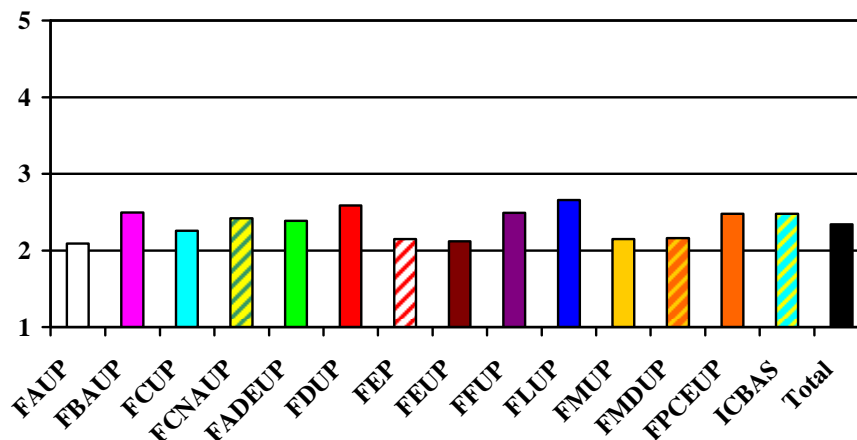


Gráfico 9.5
 Importância da participação política-partidária em função da Faculdade



É também de registar a existência de diferenças significativas de sexo, com as mulheres a atribuírem sempre mais importância a todas as dimensões (Quadro 9.3). Contudo, nem todas as diferenças são particularmente expressivas, é de salientar que se estendem a áreas em que tradicionalmente as diferenças de género se faziam sentir no sentido inverso, como é o caso do trabalho e da política.

Quadro 9.3
 Importância das diferentes dimensões da vida em função do género

		Média	Desvio-Padrão
Família	Feminino	4,82	0,535
	Masculino	4,70	0,635
	Total	4,77	0,579
Amigos	Feminino	4,62	0,639
	Masculino	4,45	0,761
	Total	4,56	0,694
Trabalho	Feminino	4,40	0,674
	Masculino	4,15	0,744
	Total	4,30	0,712
Cultura e lazer	Feminino	4,27	0,696
	Masculino	4,13	0,764
	Total	4,22	0,726
Participação cívica	Feminino	3,82	0,887
	Masculino	3,52	0,957
	Total	3,71	0,926
Participação política-partidária	Feminino	2,40	1,086
	Masculino	2,24	1,187
	Total	2,34	1,129

Finalmente, é muito interessante verificar que não há diferenças significativas entre os licenciados na valorização destas dimensões em função do estatuto ocupacional actual, com excepção da valorização do trabalho – dimensão que compreensivelmente é mais importante para quem está desempregado, mas que curiosamente é menos importante para quem exerce uma profissão, sendo tal aspecto expressivamente diferenciador.

Quadro 9.4
Importância do trabalho em função do estatuto ocupacional actual

	Média	Desvio-Padrão
Exerce uma profissão	4,27	0,718
Desempregado	4,46	0,707
Exclusivamente estudante	4,37	0,677
Frequenta um estágio	4,29	0,680
Bolseiro em projecto de investigação científica	4,28	0,682
Outra situação	4,41	0,722
Total	4,30	0,712

Em todo o caso, emerge claramente um padrão em que as dimensões relacionais (família e amigos) da existência prevalecem face à importância do trabalho, este último com uma importância muito próxima da atribuída à cultura e lazer. Apesar de mais baixa, é também de salientar a importância da participação cívica, destacando-se da participação política – revelando como outras dimensões de participação na comunidade parecem fazer especial sentido para os jovens (Ferreira, 2006; Teixeira, 2004; Veiga, 2008).

CONCLUSÕES

O estudo aqui apresentado tem como característica distintiva a elevada percentagem de participação dos licenciados da UPorto (2005/2006), o que permite uma caracterização mais robusta dos seus processos de transição para o trabalho. Para a qualidade da amostragem foi essencial o empenhamento dos serviços de apoio ao emprego das várias Faculdades e a disponibilidade dos licenciados, que nos cumpre reconhecer.

Os dados permitem constatar que actualmente a grande maioria dos licenciados está a trabalhar (72,0%) ou em formação (15,0%), embora 8,1% se encontrem desempregados, situação que afecta mais as mulheres. De entre os que trabalham, a maioria tem um emprego qualificado, caracterizado pela precariedade contratual (68,3%), numa empresa privada e no sector terciário, desempenhando funções que avaliam como bastante adequadas à sua formação. É de notar que estes licenciados se encontram satisfeitos com o seu trabalho, especialmente no que concerne à autonomia e relacionamento e às oportunidades de aplicação e de desenvolvimento de conhecimentos e de competências. De salientar que as condições de trabalho registam um importante papel preditivo destes níveis de satisfação,

particularmente o vínculo contratual e a congruência entre a formação e o emprego, tanto avaliada pelo próprio como determinada a partir da função desempenhada.

Se atendermos às dificuldades que os licenciados experienciaram no acesso ao primeiro emprego, a maioria refere a falta de experiência profissional, a pouca oferta de empregos para licenciados e o excesso de licenciados na área de formação como razões principais. Para aqueles que obtiveram emprego, o período de procura do primeiro emprego estendeu-se por mais de 4 meses, tendo obtido emprego através de anúncio ou concurso, auto-proposta ou na sequência de um estágio profissional. Este primeiro emprego tende a caracterizar-se por um vínculo precário, numa empresa privada, no sector terciário, com uma razoável adequação à formação. De notar que embora muitos dos licenciados se mantenham ainda, como seria expectável, neste primeiro emprego, aqueles que mudaram de emprego demoraram, em média, cerca de três meses a encontrar novo emprego, invocando como razões para a mudança o aceder a um projecto de trabalho mais interessante.

A situação dos licenciados que eram trabalhadores estudantes no último ano da sua licenciatura é diversa, pois quase metade (47,0%) permanece na mesma organização após a finalização do curso e só uma minoria destes melhorou a sua situação profissional – iniciando um relativamente baixo reconhecimento pelas organizações do incremento de qualificações. No entanto, os 35,0% que mudaram de organização tenderam a melhorar a sua situação profissional.

No que concerne à satisfação com a qualidade da formação, constata-se uma elevada satisfação com a formação obtida na UPorto, especialmente positiva no que se refere aos conhecimentos teóricos e menos intensa no que diz respeito à adequação ao mercado de trabalho; esta satisfação é influenciada pelo estatuto laboral, sendo os desempregados os menos satisfeitos. Nota-se, ainda, que a grande maioria dos que estão a realizar formação pós-graduada ou que o pretende fazer no futuro escolhe a UPorto como instituição formadora, o que revela a confiança que depositam na instituição. No entanto, a percentagem de frequência desta formação é ainda relativamente baixa.

Finalmente, é de salientar que uma ampla parcela dos licenciados deseja manter a situação laboral actual, o que é acrescidamente inteligível no contexto de crise económica que temos vivido. Talvez por este motivo – o da relativa escassez do emprego – a importância dos contextos relacionais da existência (família e amigos) suplanta o trabalho na valorização das diversas dimensões da existência, o que pode corresponder a um ajustamento das expectativas à realidade.

No geral, e não obstante o conjunto dos dados recolhidos demonstre que o ensino universitário continua a constituir uma plataforma de acesso ao emprego para a grande maioria dos graduados, regista-se também uma intensificação da precariedade dos vínculos contratuais. E, se bem que os licenciados que estão a trabalhar apresentem níveis elevados de satisfação com diversas dimensões do seu emprego, o impacto das condições de trabalho ligadas ao tipo de vínculo e à congruência entre a formação e a função é muito relevante neste processo.

Por último, e tendo presente os resultados obtidos, afigura-se-nos importante que a UPorto prossiga a estratégia de diversificação da oferta de formações pós-graduadas, nomeadamente as que

assentam numa relação com o exercício específico de actividades profissionais. A par disto, a instituição deverá intensificar a sensibilização das entidades empregadoras para as mais-valias que os conhecimentos e competências possuídos pelos licenciados da UPorto lhes podem trazer.

Bibliografia

- ALMEIDA, João Ferreira *et al* (2003), *Diversidade na Universidade*, Oeiras, Celta.
- ALVES, Mariana Gaio (2007), *A inserção profissional de licenciados de ensino superior numa perspectiva educativa: o caso da Faculdade de Ciências e Tecnologia*, Lisboa, FCG.
- ALVES, Natália (2001), *Trajectórias académicas e de inserção profissional dos licenciados (1994-1998)*, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- ALVES, Natália (2005), *Trajectórias académicas e de inserção profissional dos licenciados (1999-2003)*, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- ARROTEIA, Jorge e MARTINS, António (1998), *Inserção Profissional dos licenciados pela Universidade de Aveiro*, Aveiro, UA.
- BALSA, Casimiro (org) (2001), *Perfil dos estudantes do ensino superior*, Lisboa, CNASES/CEOS.
- FERNANDES, António Teixeira *et al* (2001), *Estudantes do ensino superior no Porto. Representações e práticas culturais*, Porto, Afrontamento.
- FERREIRA, Pedro D. (2006), *Concepções de direitos activos de cidadania e experiências de participação na sociedade civil*. Tese de Doutoramento não publicada. FPCE.
- FRICKO, Mary Ann M. & BEEHR, Terrya (1992),. A longitudinal investigation of interest congruence and gender concentration as predictors of job satisfaction. *Personnel Psychology*, 45, 1, 99 - 117.
- GARCÍA-ARACIL, Adela, GABALDÓN, Daniel, MORA José-Ginés & VILA, Luis E. (2007). The relationship between life goals and fields of study among young European graduates. *Higher Education*, 53, 6, pp. 843-865.
- GONÇALVES, Albertino (2001), *As asas do diploma: a inserção profissional dos licenciados pela Universidade do Minho*, Braga, UM.
- GONÇALVES, Carlos Manuel, PARENTE, Cristina e VELOSO, Luísa (2001) “Licenciados em sociologia: ritmos e formas de transição ao trabalho” in *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras*, vol. XI, pp. 31-94.
- GONÇALVES, Carlos Manuel, PARENTE, Cristina e VELOSO, Luísa (2004) – Licenciados em sociologia e mercado de trabalho na transição do milénio, in *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras*, vol. XIV, pp. 253-297.
- INOFOR (2001), *1º inquérito de percursos aos licenciados do ensino superior*, Lisboa, documento policopiado.
- MAURITTI, R. e MARTINS, S., (2007), “Estudantes do ensino superior: contextos e origens sociais”, in António Firmino da Costa e al, *Portugal no Contexto Europeu. Vol. II: Sociedade e Conhecimento*, Lisboa, Celta, pp. 85-101.
- MENEZES, Isabel, AFONSO, Rosa, GIÃO, Joana & AMARO, Gertrudes (Eds.) (2005), *Conhecimentos, concepções atitudes e práticas de cidadania dos jovens portugueses*. Lisboa: DGIC.

- SCOMBURG, H. e TEICHLER, U. (2006), *Higher education and graduate employment in Europe*, New York, Springer.
- SCOMBURG, H. (2007), Work orientation and job satisfaction, in TEICHLER, U. (2007), *Careers of university graduates*, New York, Springer, pp. 247-263..
- TEICHLER, U (2007), *Careers of university graduates*, New York, Springer.
- TEIXEIRA, Pedro M. (2004), *Cidadania na Universidade: Um estudo das concepções e práticas de cidadania de estudantes da Universidade do Porto e sua relação com as experiências académicas e extra-académicas*. Tese de Mestrado não publicada. FPCE.
- TEICHLER, U. (2005), *Graduados y empleo: investigación, metodología e resultados*, Madrid, Miño y Dávila.
- VEIGA, C. Sofia (2008), *O impacto do envolvimento dos estudantes universitários em actividades extra-curriculares no empowerment psicológico e no desenvolvimento cognitivo-vocacional*. Tese de Doutoramento não publicada. FPCE.
- WOLNIAK, G. C. & PASCARELLA, E. T. (2005), The effects of college major and job field congruence on job satisfaction. *Journal of Vocational Behavior*, 67, 2, pp. 233-251.